

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO

Fundadora de A Obra da Igreja

*Deus é Aquele que se É,
tendo em si, por si e para si
a sua mesma razão de ser,
num ato imutável e simplicíssimo,
em gozo essencial de Divindade*

* * *

*Desde o Seio do Pai,
no impulso e no amor do Espírito Santo,
pelo lado aberto de Cristo
que repara infinitamente o Deus três vezes Santo
ofendido, desbordam-se os torrenciais Afluentes
da Divindade em compaixão redentora
de divina e infinita misericórdia
sobre a humanidade caída*

* *

*Diante do arrulho infinito e coeterno
do beijo imutável do Espírito Santo,
dormiu a Senhora...!
em Assunção triunfante e gloriosa para a Eternidade*



Editorial Eco de la Iglesia

16-6-2001

**DEUS É AQUELE QUE SE É,
TENDO EM SI, POR SI E PARA SI
A SUA MESMA RAZÃO DE SER,
NUM ATO IMUTÁVEL
E SIMPLICÍSSIMO,
EM GOZO ESSENCIAL
DE DIVINDADE**

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 6-1-2007

2ª EDIÇÃO

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa
Madre Iglesia Sánchez Moreno e do livro publicado:

«VIVENCIAS DEL ALMA»

© 2007 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA

1ª Edição espanhola: julio 2001

A OBRA DA IGREJA

ROMA - 00149

Via Vigna due Torri, 90

Tel. 06.551.46.44

MADRID - 28006

C/ Velázquez, 88

Tel. 91.435.41.45

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org

www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sê: Congregação para o Clero*
(Biblioteca- Espiritualidade)

ISBN: 978-84-86724-92-4

Depósito legal: M. 22.100-2008

No dia 13 de maio deste ano de 2001, dia da Virgem de Fátima, abrigada no regaço da sua Maternidade divina, sob a luz penetrante da infinita Sabedoria;

numa rajada luminosa, aguda e cintilante, durante o Santo Sacrifício da Missa, submergida na profundidade do mistério consubstancial e transcendente de Deus;

pouco a pouco e paulatinamente, meu espírito ia sentindo-se afundado nessa mesma Sabedoria, numa transcendente e profundíssima intuição sobre os infinitos atributos e perfeições que Deus *se é* em si, por si e para si, no seu ato imutável de vida trinitária, em subsistência eterna, sida e possuída em gozo essencial de desfrute gloriosíssimo e ditosíssimo de Eternidade;

e como, dentro da gama infinitamente incontável dos seus infinitos atributos, que, pela perfeição da natureza divina, rompiam como em infinitos concertos de consubstanciais melodias; eram e davam cada um a sua nota em teclares de Divindade, nas infinitas gamas de infinitudes infinitas de atributos e perfeições; sendo Deus uma subsistente, divina e única perfeição.

E estando saboreavelmente desfrutando pela penetração profunda e aguda nesta verdade dogmática que nos dá a Igreja por meio da fé, cheia de esperança e impregnada de caridade, mediante os dons, frutos e carismas do Espírito Santo, e que ia invadindo-me paulatinamente durante o Sacrifício Eucarístico do Altar, sob a degustação do néctar saborosíssimo e gloriosíssimo da vizinhança da Divindade;

no momento sublime da transubstanciação do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Cristo, ao ser levantada a Hóstia consagrada;

um raio luminosíssimo, introduziu-se na medula profunda do meu espírito, iluminando o meu pensamento sob os candentes fogaréus do pensamento divino; que, deixando-me transcendida e ultrapassada de tudo o de cá, fazia-me intuir penetrativa e desfrutavelmente, de uma maneira agudíssima, no que eram os atributos em Deus, e a diferença destes com a misericórdia divina, que se fez existente pela do-

ação de Deus ao homem, cheio de compaixão e ternura.

A qual foi tirada da potência do poderio infinito como conseqüência do quebrantamento dos planos eternos pelos nossos primeiros Pais no Paraíso terrestre;

e é intrinsecamente em si o derramamento do amor infinito de Deus, movido em compaixão redentora para a miséria em que o homem caíra, ao rebelar-se contra Ele e romper seus planos eternos, não só sobre o próprio homem, mas também sobre a criação inanimada;

da qual ele é o compêndio apertado de toda ela, e, como rei da mesma criação, a voz em expressão diante do Criador da esplendorosa harmonia em que foi criada para louvor da glória do Onipotente e a magnificência da sua infinita e coeterna perfeição;

com as dilaceradoras conseqüências que toda esta rebeldia trouxe para a humanidade.

Compreendendo, sob os fogaréus candentes dos sóis do pensamento divino que o arrulho da brisa penetrantemente saborosíssima e sapiencial do Espírito Santo, que todos os atributos que Deus *se é* em gozo essencial de desfrute ditosíssimo e gloriosíssimo pela sua subsistência infinita, razão de ser da sua mesma Divindade, Ele *se os é* em si, por si, e para si mesmo.

Sendo a misericórdia como um novo atributo, distinto e distante, que Deus tirara da ex-

celsitude excelsa do poderio da sua potência infinita em derramamento compassivo de amor e ternura sobre a miséria da humanidade caída e como destruída;

ainda que não seja atributo intrinsecamente em gozo essencial para Deus, por ser relação da sua bondade com a criatura, como consequência da destruição pelo homem dos planos eternos sobre ele mesmo e a criação inanimada, e diante da situação de miséria em que se encontrava ao rebelar-se contra o seu Criador.

Pelo que ia descobrindo, cheia de gozo e paz no Espírito Santo, de uma maneira aguda e penetrativa, que o atributo da misericórdia não era essencialmente como os demais atributos, sidos por Deus e possuídos em si, por si e para si intrinsecamente em desfrute ditosíssimo e gloriosíssimo de Divindade em gozo essencial; mas manifestação para fora em derramamento compassivo do seu amor, transbordante de bondade, que lhe faz transbordar-se desde os caudais dos seus infinitos mananciais, e gozar acidentalmente em desfrute ditosíssimo de paternidade amorosa, inclinando-se, cheio de ternura, para a miséria da criatura diante da situação dramática em que a rebelião contra o seu Criador colocou-a.

Já que todos os seus atributos e perfeições Deus *se os é*, estando *sendo-se-os* e *tendo-se-os*

sido, em si, por si e para si, em gozo essencial e ditosíssimo de intercomunicação familiar de vida trinitária em desfrute gloriosíssimo de Eternidade; sendo isto a razão de ser da sua mesma Divindade, sem necessitar de nada fora de si e sem que nada lhe possa pôr nem tirar no seu modo consubstancial e essencial de Deus *ser-se* Deus.

Vendo minha alma e compreendendo com mais profundidade numa intuição como nova de penetração sapiencial, cheia de gozo inefável no Espírito Santo sob o saboreamento da sua vizinhança, que todos os atributos, na harmonia melódica e consubstancial da sua Divindade, em Deus eram um só atributo na sua só e única perfeição, sida e possuída intrinsecamente para a sua glória e descanso; por ser o Ser subsistente e suficiente, infinitamente distinto e distante de tudo o que não é essencialmente Ele mesmo e para si mesmo, que tem em si a sua mesma razão de ser, e que, em manifestação criadora em derramamento para fora, é a razão de ser de tudo o criado.

E, conforme ia afundado-me..., afundando-me... no mistério da razão de ser e da plena perfeição da Divindade, compreendia, de uma maneira agudíssima, que todos os seus infinitos atributos nas suas infinitas gamas que rompem como em infinitos teclares de melódicas

harmonias de infinitos atributos por infinitudes infinitas de atributos e perfeições, Deus estava *sendo-se-os, tendo-se-os sempre sido*, em seu ato imutável de vida trinitária, em si, por si e para si, em gozo essencial e consubstancial de intercomunicação divina;

e que a misericórdia, que é sida por Deus em si e por si, mas que não pode sê-la para si em gozo de desfrute essencial de Eternidade pela perfeição intrínseca da sua natureza divina; já que é e diz relação à miséria da criatura, que em Deus não cabe; era o derramamento do poderio excelente da excelência de Deus, que, inclinando-se em compaixão redentora, olha para a humanidade caída, destruída e cheia de pecados pela sua rebelião contra o Criador, para a restauração dessa mesma humanidade, reconciliando-a com Ele e reencaixando-a nos seus planos eternos.

Pelo que o Infinito Ser, diante da destruição da criatura e da sua miséria, tirando da potência do seu infinito poderio uma maneira maravilhosa em transbordamento de compaixão misericordiosa, não por necessidade mas por benevolência;

fazendo possível como o impossível, e movido em amor pelo homem –ainda que essencialmente Deus é o amor consubstancial, infi-

nitamente perfeito e acabado, mesmo se o realizasse que se não o tivesse realizado–;

determina, num colóquio amoroso de Família Divina, sob o impulso do Espírito Santo e pela vontade infinita do Pai, que seu Filho unigênito, a Palavra Infinita que lhe expressa, em concerto eterno de divinas canções, tudo o que é e como o é, no seu *ser-se* sempre sido, estando *sendo-se* toda a sua Divindade, encarne-se mediante a união hipostática da natureza divina e a natureza humana na pessoa do Verbo.

O qual, num romance de amor coeterno, soletra-nos, como Canção divina e humana, em derramamento amoroso de divina misericórdia, o Cântico infinito, o Cântico magno que só Deus pode cantar-se.

E o Cristo do Pai, em e pela plenitude do seu Sacerdócio, em sua principal e peculiar postura sacerdotal, sendo o Deus misericordioso Encarnado, responde infinitamente à Santidade de Deus ofendida, reparando-a em representação da humanidade; e, como consequência, restaura esta, reencaixando-a nos planos eternos de Deus, que criou o homem à sua imagem e semelhança só e exclusivamente para que o possuísse.

Pelo que «o Verbo se fez carne», no seio todo branco de Nossa Senhora da Encarnação, toda Virgem, toda Mãe, toda Rainha e toda Senhora!,

por obra e graça do Espírito Santo; e sob a força do seu infinito poderio «habitou entre nós»¹:

Manifestação esplendorosa do poder de Deus!, que, inclinando-se para a miséria, desborda-se em amor misericordioso rebentando em compaixão, cheio de ternura; que, «por ser Amor que pode, e por ser Amor que ama», leva-o, em doação redentora de derramamento amoroso, a fazer-se Homem;

e, carregando sobre si as nossas misérias e como responsável de todas elas, a dar a sua vida em resgate de todo aquele que se beneficie do preço do seu sangue divino; e a entregar-se, pregado entre o Céu e a terra, na demonstração maior e mais sublime do Amor amando, sendo a Misericórdia Encarnada, que é dar a vida pela pessoa amada: «Por isso o Pai me ama: porque dou minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas Eu a dou livremente»².

E, no esplendor e para o esplendor da magnificência do seu infinito poder, em imolação de dor e dilaceração, mediante a sua morte redentora, entoa o «*miserere*», reparando infinitamente a Santidade de Deus ofendida pela sua criatura.

E levantando, pelo preço da sua redenção, o homem caído da prostração em que se encontra, e enxertando-o n'Ele, como a videira aos sarmentos; e, mediante o fruto da sua res-

¹ Jo 1, 14.

² Jo 10, 17-18.

surreição gloriosa, abrindo os portões suntuosos da Eternidade, fechados pelo pecado dos nossos primeiros Pais, introduz no gozo de Deus, no festim das Bodas eternas, os que, acolhendo e beneficiando-se dos afluentes dos mananciais que brotam do seu lado aberto em derramamento de infinita e divina misericórdia, estão «marcados nas suas frentes com o nome de Deus e o selo do Cordeiro»³.

Realizando-se, por meio da morte e da ressurreição de Cristo, para o esplendor da glória de «Iahweh, que é amor compassivo e misericordioso»⁴, que Deus mesmo em pessoa incline-se para a miséria, manifestando-se em misericórdia.

E amando os seus até o extremo e até o fim, Cristo não se conformou, no seu derramamento de amor compassivo, com menos, que com ficar com os seus durante todos os tempos em alimento de Pão que nos dá a vida e em Bebida que sacia todas as apetências ressecas do nosso coração em e com a embriaguez ditosa e participativa da mesma Divindade.

«Eucaristia... Pão de vida... plenitude de quem tem fome, sem saber em que encontrará sua fartura.

³ Cf. Ap 14, 1.

⁴ Sl 144, 8.

Eucaristia... para aplacar a sede
de quem busca ofegante
o manancial refrescante
das suas cavernas feridas.

Eucaristia... manjar completo de vida
que se nos dá em Pão e Vinho
com aparências simples,
mas que encerra o mistério
da Vida:

Deus que se dá em comunhão,
repletando em posse
as cavernas acendidas.

Eucaristia... plenitude
de quem busca, sem saber
como saciará sua fatura
e repletará sua sede.»

26-10-1969

«Quando Tu entras, Jesus,
na fundura do meu peito,
com as pobres aparências
de pão e vinho coberto,

o Espírito Infinito,
em Beijo de amor eterno,
beija minha alma em amores
com infinitos requebros.

O Pai descansa com gosto
-no seu olhar o penetro-,

e Maria me aconchega
com maternais desvelos.

Romances de Deus que beija
o meu ser no desterro
com inéditas ternuras
de carinhosos consolos...!

O Céu inteiro se encerra
no meu peito atrás dos véus,
porque, se oculto o Deus vivo
em virginais mistérios,

que será a alma adorante
quando comunga o Eterno,
perfurada pela fundura
do amor do Sacramento?

Saturações de glória
em familiares encontros,
segredos de transcendência
vive minha alma em seu encerro,

quando Deus mesmo se diz
dentro da minha ocultação
como Palavra do Pai
com o beijar do seu Fogo.

Eu não sei o que me acontece
na medula do peito...!
Sinto o falar do Deus vivo
em infinitos requebros,

como Explicação silente
de sapiencial afundamento,

num amor tão candente
de sutil penetração,

que entendo, sem entender,
que Deus mesmo está no meu centro,
dizendo-me, em seu saber
de infinito pensamento,

com teclares de glória,
como infinitos concertos,
seu recôndito existir
em seu *ser-se* o Imenso.

Eu não sei o que me acontece
quando comungo o meu Verbo...!
Se alargam os mananciais
da minha fundura no mistério,

e prorrompo em cataratas
de agudo agradecimento,
que nem me deixam chorar
de tanto como compreendo.

Silêncio de Eucaristia
em transcendentos segredos...
Deus que descansa em minha profundeza
em beijares de mistério...

Que será a Encarnação,
por Maria, neste solo,
que faz que Deus sorria
em meu pobrezinho seio...!?

Tudo se obra em Maria
–isto bem que o penetro!–,

e nada se dá sem Ela
desde que Homem foi o Verbo.

Mistério de Virgem-Mãe
pelo beijar do Coeterno...!»

23-12-1974

E o dia 16 deste mês de junho, inundada pela luz do Alto que se ia aguçando e penetrando o meu espírito nos dias anteriores; novamente, também no momento sublime da Consagração durante o Sacrifício Eucarístico do Altar, minha alma foi invadida e penetrada pelo pensamento divino, cheia de sabedoria amorosa;

fazendo-me, intuitiva e desfrutativamente, aprofundar ainda mais, que entre os infinitos atributos que Deus *se é* em si, por si e para si, a misericórdia tinha uma parte –sem poder haver parte em Deus–, a qual era o seu amor de infinita Bondade, que Ele *se a era* intrinsecamente em si, por si e para si pela sua Divindade;

e outra que, ao não a ser nem a poder ser para si, por dizer relação à criatura e à sua miséria, não lhe produzia nem lhe podia produzir gozo consubstancial; mas sim, como manifestação esplendorosa, transbordante de amor, o gozo accidental de quem é bom, que, inclinando-se para a miséria, cheio de compaixão, goza em fazer feliz a criatura criada, nos seus

planos eternos, à sua imagem e semelhança, para que participe da sua mesma vida divina;

levantando-a pela magnificência do seu infinito poder, para fazer possível que o homem se reencaixe por Cristo, com Ele e n'Ele –o Unigênito de Deus que, tomando a nossa condição de escravo, é o Cristo Grande de todos os tempos–, nos seus planos eternos, para que pudéssemos chegar a possuí-lo por participação no gozo gloriosíssimo e ditosíssimo da sua mesma Divindade.

Mas que, incluído assim, ao Ser consubstancial, divino e infinito, nem lhe põe nem lhe tira, nem lhe diminui nem lhe aumenta no que Ele é essencial e intrinsecamente em si, por si e para si; em quanto é, em como o é e pelo que *se o é*, estando *sendo-se-o* e *tendo-se-o* sido em gozo essencial e gloriosíssimo de desfrute eterno em intercomunicação divina e familiar de vida trinitária;

ainda que lhe produz o gozo, infinita e amorosamente descansado, de quem é consubstancialmente bom, que, inclinando-se para fora, quer fazer-nos felizes com o seu mesmo gozo, com a sua mesma felicidade, já que somos imagem sua e obra das suas mãos.

Compreendendo de uma maneira profunda e desfrutadora, penetrada pelo conhecimento da subsistente excelência de Deus que inundava o meu espírito, que, assim como os atributos

em Deus são sidos por Ele em si, por si e para si, em subsistência infinita de Divindade e em glória essencial de si mesmo;

o atributo do amor de Deus, cheio de bondade, derramando-se em compaixão de misericórdia sobre a debilidade da nossa miséria, ainda que é sido em Deus e por Deus, não é com relação ao mesmo Deus em gozo essencial, mas em inclinação compassiva do seu amor transbordante de ternura para com a debilidade, carregada de miséria, da humanidade caída, como consequência do pecado dos nossos primeiros Pais;

e, portanto, é distinto dos demais, enquanto à glorificação infinita que lhe produz a infinitude dos seus infinitos atributos, sidos intrinsecamente em si, por si e para si.

Já que, se o homem não tivesse pecado, Deus não teria tirado da sua potência divina a possibilidade de fazer-se homem para poder-nos redimir; chegando, na manifestação do esplendor da sua glória, como num delírio de amor misericordioso para com a nossa debilidade, a morrer em crucificação cruenta, derramando-se em amor e misericórdia, cheio de compaixão e ternura, sobre a humanidade.

Pelo que, ainda que a misericórdia não seja um atributo intrinsecamente essencial em Deus, em glorificação consubstancial e infinita de si

mesmo; é o que faz possível o mistério transcendente, transbordante, majestoso e esplendoroso da Encarnação.

De forma que, para o pensamento do homem que não conhece bem a profundidade profunda do arcano divino e insondável do Infinito Ser, a misericórdia é o atributo maior dos atributos divinos; e o mais consolador, mais terno e cheio de esperança, porque, o que teria sido de nós se Cristo, a Misericórdia Encarnada, não nos tivesse redimido?

E de alguma maneira –diante do injustificável da rebelião da criatura ao Criador– podemos dizer, exultantes de gozo no Espírito Santo, desde a ruindade de nossa miséria, ultrapassados de agradecimento e prostrados em reverente adoração diante do Infinito Ser três vezes Santo:

Em bem-aventurança converteu-se a culpa para o homem arrependido que, posto na fonte da divina graça que brota do lado de Cristo e redimido do pecado, é introduzido nas mansões majestosas e suntuosas da Eternidade no gozo eterno dos Bem-aventurados, conseguindo o fim para o qual foi criado!

A misericórdia divina, ainda que não seja intrinsecamente glorificação subsistente e essencial do mesmo Deus, sida para si em gozo con-

substancial de Divindade; é a manifestação esplendorosa do seu amor compassivo que, em triunfo e troféu de glória, se nos dá pelo seu unigênito Filho Encarnado –a segunda Pessoa da adorável Trindade– que tira os pecados do mundo, «selando-nos com o seu sangue divino e marcando os elegidos nas suas frentes com o nome de Deus e o selo do Cordeiro»⁵.

Cristo é um Portento divino, sendo em si a Divindade e o Recopilador da miséria de toda a humanidade, realidades tão opostas entre si como o fogo e a água!

Ó mistério transbordante de infinita misericórdia!, que, realizado por Ti mesmo e em Ti mesmo, Verbo do Pai, mediante o mistério da Encarnação; faz-nos capazes, reencaixando-nos em teus planos divinos, de cumprir o fim para o qual fomos criados à tua imagem e semelhança; glorificando-te a Ti mesmo do modo e da maneira que a tua divina vontade determinou nos teus desígnios eternos para glória do teu Nome e a manifestação majestosa do teu infinito poder.

⁵ Cf. Ap 7, 3; 14, 1.

23-6-2001

**DESDE O SEIO DO PAI,
NO IMPULSO E NO AMOR
DO ESPÍRITO SANTO,
PELO LADO ABERTO DE CRISTO
QUE REPARA INFINITAMENTE
O DEUS TRÊS VEZES SANTO
OFENDIDO,
DESBORDAM-SE OS TORRENCIAIS
AFLUENTES DA DIVINDADE
EM COMPAIXÃO REDENTORA
DE DIVINA E INFINITA
MISERICÓRDIA
SOBRE A HUMANIDADE CAÍDA**

No dia 22 de junho, Festa do Sagrado Coração de Jesus, ao amanhecer, invadida pela luz do pensamento divino que se ia aprofundando cada vez mais aguda e penetrativamente no mais recôndito e íntimo do meu espírito, sobre o mistério de Deus sido em si e em manifestação esplendorosa da sua Majestade soberana para fora; intuía, descobrindo-se a mim muito clara e profundamente, que assim como Deus na infinitude dos seus atributos e perfeições é um só

e único ato de ser em atividade trinitária de Família Divina; no qual o seu *ser-se ser-se* o Ser e o seu atuar são nesse só e único ato de ser, no qual Deus *se é* para si o que é, sido e estando sendo-*se-o* em si, por si e para si em gozo coeterno e consubstancial de Divindade, pela sua subsistência infinita;

nesse mesmo ato de ser, ainda que de distinta maneira, Deus realiza para fora, para manifestação do seu infinito poder e o esplendor da glória do seu Nome, a criação, e o sublime, divino, surpreendente e subjugante portento da Encarnação para a restauração da humanidade caída.

Pelo que via muito clara e transcendentemente que a criação é um ato pessoal e trinitário de Deus que, querendo-se manifestar para fora no que é e como o é na plenitude da sua perfeição infinitamente repleta de atributos e perfeições; em e para o esplendor do seu infinito poderio em louvor da sua glória, põe-se em movimento imutável de vontade criadora, pelo querer do Pai, mediante a expressão do Verbo –o qual é a Palavra canora em soletração amorosa da perfeição infinita que Deus *se é* em si, por si e para si, pelo que «no Verbo e pelo Verbo foram criadas e realizadas todas as coisas»¹– mediante o amor infinito e coeterno do Espírito Santo.

¹ Cf. Cl 1, 16.

E neste mesmo dia 22, penetrada pelos candentes fogaréus do Espírito Santo, reverente e adorante diante de Jesus Sacramentado no sacrário; e de um modo mais transcendente no momento da Santa Missa ao comprovar que se celebrava a festa do Sagrado Coração de Jesus;

sentindo-me inundada em silenciosa e profunda penetração e invadida de gozo no mesmo Espírito Santo que me envolvia iluminando-me com os cintilantes raios dos seus sóis;

ia-se imprimindo no meu espírito que transbordava de gozo sob a brisa da sua vizinhança, e introduzida nos mistérios divinos, como a Encarnação é do mesmo modo um ato pessoal e trinitário em Deus.

O qual, diante da ruptura dos seus planos eternos sobre a criação pelo «não te servirei»² do homem caído; movido em compaixão de ternura infinita, determina, pela vontade do Pai, no Verbo, mediante o amor do Espírito Santo, para o esplendor do seu infinito poderio em manifestação de louvor da sua glória, que o Verbo Infinito se faça Homem; inclinando-se sobre a nossa miséria, cheio de amor misericordioso.

Pelo que Cristo, a segunda Pessoa da adorável Trindade, é em si, por si e para si, e para o Pai e o Espírito Santo, a Glorificação infinita

² Jr 2, 20.

de reparação diante da Santidade de Deus ofendida; e a infinita e divina Misericórdia em manifestação pessoal e esplendorosa, como Verbo do Pai;

que, em soletração amorosa de consubstanciais melodias pela sua Divindade, em expressão divina e humana derrama-se em misericórdia; levantando-nos à sublimidade de ser, por Ele, com Ele e n'Ele, filhos no Unigênito de Deus, herdeiros da sua glória e «partícipes da vida divina»³.

Sendo Deus mesmo na sua Trindade de Pessoas em e pelo Verbo Encarnado, a divina e infinita Misericórdia em derramamentos torrenciais de Divindade, com coração de Pai e amor de Espírito Santo mediante a Canção sangrenta e redentora do Verbo.

Pelo que Jesus, sendo Deus e Homem, é a infinita Misericórdia em doações eternas de Divindade, e a Reparação infinita de amor de resposta em retorno à Santidade de Deus ofendida.

E a minha alma, transbordada de amor e gozo no Espírito Santo, adora o Verbo do Pai, a divina e infinita Misericórdia do Deus três vezes Santo; que, derramando-se misericordiosamente sobre a limitação do meu nada, faz-me

³ 2 Pd 1, 4.

exclamar sob o arrulho e o impulso da brisa do Espírito Santo e abrasada nas chamas letificantes dos seus refrigerantes fogos:

«Santo, Santo, Santo, Senhor Deus dos Exércitos; cheios estão os céus e a terra da tua glória!»⁴.

Glória ao Pai, glória ao Filho, e glória ao Espírito Santo, por ser aquilo que é em si, por si e para si em subsistência infinita de Divindade, e em manifestação esplendorosa de amor misericordioso, saturando-nos todos, por Cristo, com Ele e n'Ele, da sua mesma e coeterna Divindade.

Deus, «porque é Amor e ama e é Amor e pode», desborda-se em derramamento de misericórdia infinita, coeterna e trinitária sobre a ruindade da nossa limitação e miséria, tão divinamente que podemos chamar Deus «Pai» com pleno direito, por Cristo, sendo enxertados no Verbo da Vida, de forma que Jesus exclamava:

«...que todos sejam um, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em Ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um.

Eu neles e Tu em mim, para que sejam perfeitamente um e para que o mundo reconheça

⁴ Is 6, 3.

que Tu me enviaste e amaste a eles como amaste a mim»⁵.

À maior miséria, maior e sobreabundante misericórdia de reparação diante de Deus, e maior superabundância de graça para as nossas almas.

Misericórdia que, em e pelo derramamento da glória de Iahweh em desbordamento de amores eternos e infinitos, cheio de compaixão e ternura, manifesta-se-nos e doa-se-nos a caudais pelo lado aberto de Cristo; sendo Cristo –o Unigênito Filho de Deus, a segunda Pessoa da adorável Trindade– a divina e infinita Misericórdia: o Cordeiro Imaculado que tira os pecados do mundo, para glória de Deus Pai, sob o impulso e o amor infinito do Espírito Santo.

E «assim, por meio da Igreja, os Principados e Potestades nos céus conhecem agora a multiforme sabedoria de Deus, segundo o desígnio eterno, realizado em Cristo Jesus nosso Senhor, por quem ousamos nos aproximar com toda confiança pelo caminho da fé em Cristo»⁶.

Pelo que hoje o meu espírito, novamente iluminado pelo pensamento divino, e como transbordado de amor pelo Unigênito de Deus feito Homem –sendo Ele o derramamento da infinita Misericórdia e a Misericórdia infinita encarnada–; e iluminado sob os seus candentes e

⁵ Jo 17, 21-23.

⁶ Ef 3, 10-12.

sapienciais fogaréus, penetrou e segue penetrando, de uma maneira profundíssima, com necessidade de manifestá-lo e sob o impulso veemente e como incontido do Espírito Santo para que o expresse, nas perfeições coeternas do Infinito Ser, sendo-as em si, por si e para si, e manifestando-se em amor compassivo de divina, infinita e coeterna misericórdia.

«Bendizei a Deus e proclamai entre todos os viventes os bens que Ele vos concedeu. É bom manter o segredo do rei; porém, é justo revelar e publicar as obras de Deus»⁷.

Sentindo-me, ao mesmo tempo, trêmula e assustada, diante da minha impossibilidade de poder expressar o que, tão profunda e claramente, venho descobrindo e compreendendo; sem encontrar a maneira adequada de explicá-lo e proclamá-lo, pela pobreza da minha limitação e a rudeza das minhas inexpressivas, pobres e desentoadas palavras, por muito que o repita; para que o homem, acostumado a olhar-se sempre a si mesmo, possa compreender algo do que a minha alma, sob a miséria do meu nada e impulsada pelo Espírito Santo, tem que manifestar; tão distinto e distante da capacidade da criatura diante da realidade existente e subsistente da excelsitude excelsa e coeterna do Infinito Ser.

⁷ Tb 12, 6-7.

Pois, como diz São Paulo: «O homem não-espiritual não aceita o que é do Espírito de Deus, pois isso lhe parece loucura. Ele não é capaz de entendê-lo porque só pode ser avaliado pelo Espírito. Ao contrário, o homem espiritual julga tudo, mas ele mesmo não é julgado por ninguém. Pois quem conheceu o pensamento do Senhor, de maneira a poder lhe dar conselho? Nós, todavia, temos o pensamento de Cristo»⁸.

Que santo é Deus e que bom!, que, sem necessitar nada em si, por si e para si, por ter a sua possibilidade infinita infinitamente sida e possuída no seu ato de ser em intercomunicação familiar de vida trinitária; por uma benevolência do seu coeterno poder em realização acabada em e pelo mistério da Encarnação, goza em fazer-nos felizes a nós, pobres criaturas saídas das suas mãos por um querer da sua vontade transbordante de ternura em transbordamento de amor compassivo e misericordioso.

Quão gloriosamente quer Deus manifestar para fora o bom que é transbordando-se em misericórdia infinita para com o homem! –ainda que seria igual de bom se não o fizesse, já

⁸ 1 Cor 2, 14-16.

que Deus não é bom essencialmente pelo que faz, mas pelo que é e como o é–, tirando uma maneira quase impossível para Ele mesmo: «Emanuel, “Deus conosco”»⁹, que, pregado na cruz e pendente de um lenho, exclama: «Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e Eu vos darei descanso»¹⁰.

«Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue mora em mim e Eu nele, e Eu o resuscitarei no último dia»¹¹.

Bendito Redentor, que faz inclinar-se misericordiosamente a bondade do Deus três vezes Santo para o homem pecador, de uma maneira tão gloriosa que, no Cristo do Pai, pela união da natureza divina e a natureza humana na pessoa do Verbo, Deus se faz Homem e o Homem é elevado à dignidade sublime e transcendente de ser Filho de Deus!

Bendito Redentor, o Ungido de Iahweh, que sendo o Unigênito de Deus, manifestação esplendorosa do infinito poder, levanta-nos pelos méritos da sua crucificação redentora à dignidade de sermos filhos de Deus no seu Unigênito; reencaixando-nos tão sublime, superabundante e transcendentemente, que pudéssemos chegar a cumprir o plano de quem nos criou só e exclusivamente, segundo os seus desígnios eternos, para que o possuíssemos!

⁹ Is 7, 14.

¹⁰ Mt 11, 28.

¹¹ Jo 6, 56. 40.

E terrível responsabilidade a do homem!, não só pelo «não» do pecado dos nossos primeiros Pais, mas por não aproveitar da Fonte da misericórdia infinita que se nos dá em e pela redenção de Cristo; e desprezando-a e inclusive ultrajando-a, rebela-se de modo tão inconcebível e inimaginável contra o único Deus verdadeiro, que se nos doa, em transbordamento de misericórdia, mediante o preço do sangue do seu único Filho, Jesus Cristo, seu Enviado, derramado na ara da cruz; abusando da misericórdia infinita e ultrajando o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo.

Deus manifesta-se como é no esplendor do seu infinito poder, cheio de majestade, magnificência e glória, derramando-se em misericórdia; para que o homem, aproveitando do fruto da redenção, com coração contrito e espírito humilhado, volva-se para Ele, que perdoa «não sete vezes, mas setenta vezes sete»¹², a quem, arrependido, busca o perdão, a reconciliação e a união com Deus no Sacramento da Penitência e nos demais Sacramentos, afluentes dos mananciais da vida divina.

E Deus faz isto de tal forma que, a mente do homem que conheça algo da excelência

¹² Mt 18, 22.

subsistente, suficiente e divina d'Aquele que É, jamais o poderá intuir, compreender nem descobrir, mesmo penetrando o seu mistério, se o mesmo Unigênito de Deus não o manifesta, segundo as suas divinas palavras: «Ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar»¹³.

Minha vida é um poema e um martírio. Um poema de inéditos amores, e um martírio de incruenta imolação pelo contraste que experimento entre o divino e o humano, o Céu e a terra, a criatura e o Criador, ao ter que expressar-me pela minha rude, detonante e pobre proclamação, sem alcançar consegui-lo como o necessito.

Quão claramente compreendo que o Amor Infinito, transbordando-se de amor e ternura, cheio de compaixão, se fizesse Homem para doar-se em divina e infinita misericórdia sobre a miséria...!

Sendo Cristo o sublime Portento da misericórdia de Deus, que é e encerra em si, pela sua Pessoa divina, a Divindade reparada, e, na sua natureza humana, a reparação infinita diante da Santidade de Deus ofendida; e é o Restaurador da humanidade pelo preço do seu sangue divi-

¹³ Mt 11, 27.

no em Cântico de louvor à excelência de Deus e de compaixão misericordiosa rebentando em sangue por todos os seus poros, como vítima expiatória que, em redenção cruenta, repleta e satura de Divindade todo aquele que queira aproveitar-se do seu sangue derramado na ara da cruz para a remissão dos pecados.

Que maravilhosamente majestoso é o esplendor da glória de Iahweh *sendo-se* e manifestando-se!

E diante da excelência infinitamente subsistente e suficiente d'Aquele que É, e seu derramamento para a humanidade, cheio de amor misericordioso; sob a nulidade, a pobreza e a miséria do meu nada pela limitação da minha baixaza e ruindade, voltando ao meu canto de amor puro em hino de louvor, exclama a minha alma, transbordada e cheia de gozo no Espírito Santo:

Quem como Deus...!; e que tem a ver a criatura e nem toda a criação com o Criador...!

E cheia de agradecimento ao Deus misericordioso três vezes Santo, necessito contar, de uma maneira simples e espontânea, o que me aconteceu, sendo ainda muito jovem, quando estava despachando no negócio dos meus pais.

Para o qual transcrevo em continuação este fragmento de um escrito de 8 de maio de 1997.

«Um dia, [...]»¹⁴ que entraram na nossa loja umas desgraçadas mulheres de má vida, imediatamente pus-me a atendê-las, para que não tivesse que fazê-lo meu irmão Antônio.

E as pobrezinhas começaram a falar de uma maneira muito descarada, dizendo muitas picardias entre si, e palavras soezes.

Diante do qual, eu, indignada, corri apressada para o quarto por trás da loja onde estava o meu irmão, e, como com muita dignidade religiosa –pobre de mim!–, disse-lhe:

“Na nossa casa e no nosso negócio, tendo nós a imagem do Sagrado Coração posta no centro da loja, não podemos permitir que se fale desta maneira! Portanto, agora mesmo!, saio correndo e despeço-as”.

Enquanto que meu irmão, com a mesma dignidade e orgulho religioso que eu, dizia-me:

“Joga-as para fora!, que vão embora da nossa casa!”.

E quando saía apressada do quarto por trás da loja para despedi-las, dizendo-lhes –com o

¹⁴ [...] Com este sinal indica-se a supressão de pedaços mais ou menos amplos que não se julga oportuno publicar na vida da autora.

que eu cria santo orgulho— que na nossa casa, tão religiosa e tão digna!, não se podia falar assim...; ó! [...] o que me aconteceu:

Gravou-se no mais profundo e recôndito do meu espírito uma frase que, por muito que esta pobre filha da Igreja viva, nunca a poderei esquecer:

“Por elas derramei todo o meu sangue...”.

Diante do qual, parando-me de repente, rapidamente voltei para onde estava meu irmão, dizendo-lhe profundamente compungida e impressionada:

“Antonio..., por elas Jesus derramou todo o seu sangue...!”.

Meu irmão, não conhecendo o porquê da minha mudança de postura, respondeu-me muito contundente:

“Despede-as!, que vão embora!, que vão embora...!”.

Entrando de novo na loja, impressionada porque não era um pouco ou uma gotinha, não, mas todo o sangue de Jesus o que fora derramado por cada uma delas!; sentia tanto amor...!, tanta compreensão...!, tanta ternura...!, que, se tivesse sido Jesus quem estava ali, não lhe tivesse podido atender melhor.

De forma que experimentava o desejo de jogar-me aos seus pés, e, abraçando-os, beijá-los

[...]; eu que sempre tenho sido tão limpa e “escrupulosa”, com o suados e sujos que, às vezes, os clientes levavam os pés...!

Mas, diante do pensamento de que Jesus tinha derramado por cada uma daquelas desgraçadas mulheres todo o seu sangue, sentia-me derreter de ternura e amor por elas.

Sendo isto para toda a minha vida uma lição profundíssima que o Senhor deu à minha alma, para que compreendesse e desculpasse a fragilidade humana, e amasse as almas como as amava Ele; porque, por todas e cada uma, Jesus derramara, não um pouquinho nem uma gota, mas todo o seu sangue santíssimo em redenção de amor misericordioso!

Vindo-me hoje ao pensamento, cheia de amor e compaixão, a passagem do Evangelho em que Jesus, só, diante da mulher adúltera, disse-lhe: “Mulher... ninguém te condenou...? —Ninguém, Senhor...— Eu tampouco te condeno; vai e não peques mais”¹⁵.»

E superabundando na grandeza transbordante e inimaginável da misericórdia de Deus derramando-se sobre o homem por Cristo, sendo Cristo em si e por si a Misericórdia infinita

¹⁵ Jo 8, 10-11.

e o Manancial da misericórdia que se nos dá através de Maria no seio da Santa Mãe Igreja, ânfora preciosa, repleta e saturada de Divindade; quero manifestar também o que o mesmo Deus, outro dia, mostrou-me imprimindo-o no meu espírito: algo tão formoso como difícil de explicar pela magnitude e a grandiosidade de quanto penetrei transbordada de gozo no Espírito Santo.

8-5-1997
(Fragmento)

«Contemplei o Pai Eterno nas alturas da sua majestade soberana, transbordando de paternidade amorosa; como com seus braços abertos, e inclinado em derramamento sobre Cristo na cruz.

E do Seio amoroso do Pai, aberto, brotava, como em borbotões incontidos, em caudais de afluentes transbordantes de Divindade, o seu amor misericordioso sobre Cristo, o Cristo Grande de todos os tempos.

E através do peito santíssimo do Verbo Infinito Encarnado, saía, do afluente dos infinitos Mananciais do Pai, tudo quanto, desde a altura da sua santidade intocável, em derramamento de amor e misericórdia infinita, entornava sobre Ele em torrenciais cataratas de doação ao homem.

Caindo desde Cristo, pregado na cruz, pelo seu lado aberto sobre toda a humanidade, os caudais luminosos da plenitude da riqueza, recarregada de dons, com que o Pai, através de Cristo, em amor misericordioso de redenção, repletava aqueles que se punham a receber o derramamento da sua misericórdia; saturando-os nos infinitos e eternos Mananciais que, desde a grandeza da Divindade, a sua Santidade excelsa, inclinada para a humanidade caída, doava-lhe pelo seu unigênito Filho Encarnado, em transbordamento de misericórdia infinita.

Que formoso...!, [...] que majestoso...!, que sublime...!, e que difícil de comunicar, por soberano!, o que é Deus e o que, num instante, minha alma, pequenina, anonadada e transbordada, contemplou diante da imensidade magnífica do Pai Eterno; que, em derramamento de amor infinito, através de Cristo, se nos dava, pelo fruto da redenção, desde os afluentes dos seus infinitos Mananciais.

A doação amorosa de misericórdia infinita brotava a borbotões incontidos e transbordantes desde o Seio do Pai ao peito de Cristo; e desde o peito de Cristo, pregado na cruz entre Deus e o homem, esparzia-se sobre toda a humanidade; pelo que tinha que pôr-se a receber, aos pés do Filho de Deus crucificado, com alma aberta, o fruto da redenção, como doação do

Deus excelso derramando-se nos seus torrenciais Mananciais sobre o homem pelo amor do Espírito Santo...!»

Mistério infinito do amor de Deus que realiza, pelo poderio da sua infinita magnificência, algo tão inimaginável que Cristo encerra em si a plenitude da Divindade e a recompilação perfeita de toda a criação em cântico glorioso de louvor infinito diante da excelência da coeterna Trindade!; sendo Ele a segunda Pessoa da adorável e infinita Trindade.

Pelo que «ao nome de Jesus, todo joelho se dobre no Céu, na terra e abaixo da terra, e toda língua confesse: Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai»¹⁶.

¹⁶ Fl 2, 10-11.

23-6-2001

**QUE DEUS
SEJA MISERICÓRDIA INFINITA
EM DOAÇÃO ETERNA DE AMOR,
NÃO PODE IR CONTRA
A SUA JUSTIÇA
POR EXIGÊNCIA DA SUA COETERNA
E SUBSISTENTE SANTIDADE**

Deus, rompendo em misericórdia por Cristo ao homem, tem que ser respondido por este em justiça, diante da doação do Verbo Infinito Encarnado; coisa que o Senhor também fez-me entender, penetrada pela sua sabedoria divina, abrasada no seu fogo e sob o impulso da sua força, no dia 3 de abril de 1959:

Que Deus seja misericórdia infinita em doação eterna de amor, não pode ir contra a sua justiça, que exige resposta de retorno da criatura ao Criador segundo corresponde ao dom recebido; dado que, à maior doação, maior resposta.

«A quem muito foi dado, muito será pedido, a quem muito foi confiado, muito mais será exigido»¹.

¹ Lc 12, 48.

Como via este dia que a exuberância plena dos seus atributos insondáveis, em infinitude infinita de infinitudes de perfeições e atributos, pela perfeição do mesmo ser de Deus, era como um concerto no acoplamento melódico da realidade, infinitamente sida e abrangente, da sua Divindade...!

Compreendendo hoje e penetrando que algo parecido sucede com os diversos dons e carismas que Deus reparte aos fiéis; que se são de Deus, não podem opor-se uns aos outros, mas que se compenetram e ajudam reciprocamente para a consecução de um mesmo fim, sob a ação de um mesmo Espírito, um mesmo Senhor e um único Deus.

Vindo-me ao pensamento as palavras do Apóstolo São Paulo sobre os diversos dons e carismas que Deus dá à sua Igreja para a consolidação e expansão de toda ela:

«Cada um de nós recebeu a graça na medida em que Cristo lha deu... E foi Ele quem instituiu alguns como apóstolos, outros como profetas, outros ainda como evangelistas, outros enfim, como pastores e mestres. Assim, Ele capacitou os santos para o ministério, para edificar o corpo de Cristo...; até atingirmos Aquele que é a cabeça, Cristo. Graças a Ele, o corpo, coordenado e bem unido, por meio de todas as articulações que o servem, realiza o seu cres-

cimento, segundo uma atividade à medida de cada membro, para a sua edificação no amor»².

«Há diversidades de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes atividades, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito, em vista do bem de todos... Todas estas coisas as realiza um e o mesmo Espírito, que distribui a cada um conforme quer.

Como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos formam um só corpo, assim também acontece com Cristo...

Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros regozijam com ele. Vós, todos juntos, sois o corpo de Cristo e, individualmente, sois membros desse corpo»³.

«Que não se confundam...! –exclamava então–. Superabunda a misericórdia para quem queira aproveitar-se do sangue redentor de Cristo, a Misericórdia Encarnada; superabunda ao pecado a misericórdia e o amor, para aqueles que queiram aproveitar-se da superabundância da misericórdia infinita em derramamen-

² Ef 4, 7. 11-12. 15b-16.

³ 1 Cor 12, 4-7. 11-12. 26-27.

to amoroso dos torrenciais afluentes divinos dos eternos Mananciais».

Que dor!, diante da confusão, cheia de insensatez, dos que pensam, por falta de conhecimento da excelência subsistente de Deus, que, por terem sido redimidos por Cristo, já podemos opor-nos à Santidade Infinita, que, por justiça, exige resposta da criatura; não já só como Criador, mas também como Redentor que morre, cheio de amor misericordioso, para redimir o homem com o seu sangue santíssimo...!

Como é possível que o desvario da mente humana, intentando beneficiar-se da misericórdia divina, que por justiça exige a resposta do homem redimido, pense que, ainda que se rebele contra Deus e despreze a doação da redenção, está salvo; e sem ter sido purificado e santificado pelo sangue do Unigênito Filho de Deus, possa entrar sem traje de festa nas Bodas do Cordeiro?

«Quando o rei entrou para ver os convidados, observou um homem que não estava em traje de festa e perguntou-lhe: “Meu caro, como entraste aqui sem o traje de festa?”. Mas o homem ficou sem responder. Então o rei disse aos que serviam: “Amarrai os pés e as mãos desse homem e jogai-o fora, nas trevas! Ali haverá

choro e ranger de dentes. Pois muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos”»⁴.

Como poderá, por justiça, o Deus misericordioso Encarnado, sendo menosprezado, levar os que enfrentam obstinadamente a sua Santidade, a participarem para sempre na Eternidade da felicidade da vida divina em intimidade de família com as divinas Pessoas?!

Como poderá unir-se a Deus o pecado do homem com o seu: «não me submeterei à tua vontade nem como Criador nem como Redentor», que abusando das doações do mesmo Deus, opõe-se a todo o seu ser manifestando-se a sua vontade contra o pecado, menosprezando-o e ultrajando-o?! [...]

E como poderei expressar o que é para a minha alma, aprofundada nos mistérios da Eterna Sabedoria, a soberania majestosa d'Aquele que É!; o qual imprimiu no meu espírito algo que ficou gravado na medula do meu ser para sempre, e que agora quero contar, transcrevendo um fragmento do escrito de 2 de setembro de 1997:

«Quando ainda só tinha uns 27 anos, fomos um grupo de moças consagradas veraneiar em

⁴ Mt 22, 11-14.

uma aldeia da serra de Ávila [...]; desde onde íamos algumas vezes passar o dia no Santuário da Virgem do Espinho; para aproveitar, ao mesmo tempo que estávamos no campo, ocasiões de acompanhar Jesus Sacramentado no sacrário. Coisa que foi uma das tendências mais fortes da minha vida.

Pelo que, sempre que podia, escapava do grupo, para entrar de vez em quando na igreja, aproximar-me do sacrário e acompanhar Jesus, amá-lo, consolá-lo..., procurando fazê-lo sorrir com minhas “loucuras de amor”, como eu as chamava; que me faziam, muitas vezes, bailar espiritualmente diante d’Ele, como nos meus anos primeiros; compreendendo, em saboreamento amoroso, quanto isto agradava Jesus.

O qual enchia de gozo a minha alma de “menina” enamorada, diante do amor que tinha pelo meu Esposo divino. [...]

E durante este dia de campo tão feliz que estava passando, uma das vezes que corria apressada desde os portões do Santuário para o altar mor, onde estava Jesus Sacramentado, ó, o que me aconteceu...!, [...] tão surpreendente, e até então, para mim, desconhecido!:

Quando só faltavam-me uns dez metros para chegar ao presbitério –onde acostumava prostrar-me de joelhos, batia na portinha do sacrário..., gostava de meter o dedo pequeno no bu-

raquinho da chave como se intentasse abri-los nos meus atrevimentos de jogos amorosos em requebros cheios de ternura indescritível e indizível com meu Jesus do sacrário, os quais eu sabia bem que lhe agradavam–;

de repente, num momento cheio de surpresa indescritível, comecei a experimentar a terribilidade terrível, majestosa e soberana do infinito poderio de Deus cheio de magnificência e esplendor na altura da sua imensidade insondável, inacessível e intocável, que me deixou parada de improviso, de pé, e sem atrever-me a olhar para nenhuma parte, nem a mover-me, nem quase a respirar...!!

E isto era de um modo tão profundo, surpreendente e majestoso, que sentia que, se dava um passo mais, ali mesmo podia ficar morta pela majestade excelsa, terrível e todopoderosa do Jesus que estava no sacrário, e que se me manifestava no esplendor deslumbrante e onipotente da sua glória, como o Deus terrível de majestade soberana; a quem nenhuma criatura podia aproximar-se, sem ficar destruída num instante, se não era convidada pelo poderio da Soberania Infinita.

E de tal maneira era isto, [...] que não me atrevia a mover-me nem um pouquinho...!, nem sequer para jogar-me no chão para adorar. Porque experimentava em todo meu ser

que, diante de qualquer movimento, podia ficar aniquilada pelo poder majestoso e imperioso da excelência, em terribilidade esmagadora, do Ser Infinito, onipotente e eterno.

Por muito que diga, [...] do que me aconteceu neste dia, jamais poderei expressá-lo, por não ter palavras nem conceitos para que a mente humana possa captá-lo.

[...] Nem sequer atrevia-me a olhar para atrás, nem começar a correr!, como tanto desejava pelo impulso que sentia de libertar-me e escapar daquela surpreendente situação; que ao mesmo tempo que inundava-me de temor, fazia-me conhecer a magnificência poderosa e esplendorosa do Deus da Eucaristia que, por amor do homem, está oculto sob as aparências simples, sacrossantas e misteriosas de um pedacinho de Pão.

Um passo mais, e talvez tivesse podido ficar aniquilada pelo poderio incomensurável do Infinito Ser!

E, quando parecia-me que a minha pobre natureza não podia suportar aquela majestosa mas angustiada situação, já que até as minhas pernas tremiam, de repente, comecei a experimentar, de uma maneira pausada e suave, que o Jesus do meu sacrário, doce, terna e acariciadoramente, tendia-me a mão, convidando-me para que me aproximasse...

Meu primeiro instinto, ao ver que já podia mover-me, foi começar a correr e escapar pela porta.

Mas o Deus do Sacramento fazia-me compreender, cheio de ternura, amor, misericórdia e compaixão, que queria que me aproximasse d'Ele e com a mesma confiança que sempre o fizera!; experimentando que, com braço estendido em paternidade amorosa sobre a minha pobre alma, pedia-me que fosse para Ele; enquanto que, tremente, ia andando quedamente e devagar, quase sem atrever-me a avançar.

E quando no final aproximei-me do sacrário, pois Jesus assim me pedia, ali adorava..., amava... e ficava anonadada...!, enquanto sentia a carícia acolhedora de Jesus, consolando-me e, cheio de ternura, convidando-me a aproximar-me para reclinar-me em seu peito.

Mas a impressão do que acabava de viver não se podia tirar tão facilmente, apesar de que a ternura amorosa de Jesus para comigo era indescrevível.

Fazendo-me compreender, com quanto vivera, a majestade soberana que Ele era em terribilidade de poderio infinito, diante do qual toda criatura tinha que estar cheia de veneração, respeito, reverência e adoração; e a bondade infinita da sua misericórdia, que se inclina à criatura de tal maneira que descansa nela..., goza...,

e até, com os jogos amorosos do meu delírio de amor, era capaz de fazê-lo sorrir...

Com a cabeça inclinada diante do sacrário, aprendi aquele ensinamento que Jesus, com ternura de amor infinito, fez à pequena Trindade de la Santa Madre Iglesia; para que, ainda que cheia de confiança na sua misericórdia infinita transbordante de inéditas ternuras e amores eternos, compreendesse, distinguindo bem, o que Deus é em si, por si e para si, e até onde abaixa-se, inclinando-se para a pequenez do homem.

Pelo que, desde este dia, apesar de ter tanta confiança como Jesus me dá, um santo temor de Deus, em respeitosa reverência amorosa, faz-me entender mais profundamente, em sapiencial sabedoria, qual é a distância que existe entre a criatura e o Criador.

Recordando a passagem na qual Iahweh, desde a sarça ardente, disse a Moisés: “Não te aproximes; tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é uma terra santa”⁵.

A casa de Deus e morada do Altíssimo na terra foi consagrada para o culto, a adoração e a oração.

“Então Jesus entrou no templo e expulsou todos os vendedores e compradores que lá es-

⁵ Ex 3, 5.

tavam. Virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: Está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração’. Vós, porém, fazeis dela um covil de ladrões”⁶.

Penetrando e compreendendo com que veneração, respeito e adoração temos que entrar e manter-nos no *Sancta Sanctorum* dos templos consagrados a Deus;

entoando o hino de louvor dos “Serafins diante do Senhor sentado no seu trono alto e sublime...: Santo, Santo, é Iahweh dos Exércitos! A sua glória enche toda a terra!”⁷.»

Que confusa [...] a mente do homem...!, que ofuscada e que tenebrosa!, por falta de conhecimento do Infinito Ser, por compará-lo sempre conosco; chegando, na nossa insensatez, a querer-nos aproveitar, desordenadamente, da divina misericórdia, sem fazer justiça, com a nossa resposta amorosa à Santidade de Deus ultrajada e ofendida pela criatura, ao supremo Criador manifestando-se em vontade.

[...] A vontade infinita de Deus, derramando-se em Santidade, exige, por justiça, em seu *ser-se* justiça de perfeição, resposta do homem, já não só por tê-lo criado, mas pela doação do

⁶ Mt 21, 12-13.

⁷ Is 6, 1-3.

Deus infinito Encarnado que, feito Homem, busca, incansável, a maneira de glorificar-se através do seu amor misericordioso;

e que, irrompendo no romance mais inédito que se possa pensar, rebentando em sangue por todos os seus poros, coroado de espinhos, pregado na cruz, com o seu lado aberto e as suas chagas sangrentas, clama-nos atravessado no abismo: «Se alguém tem sede, venha a mim e beba, e Eu lhe darei gratuitamente da fonte de água viva»⁸.

«Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em mim e Eu nele e Eu o ressuscitarei no último dia»⁹.

E assim, «as águias reais», com coração candente e olhos de luminosa sabedoria, cruzam o abismo; para, mediante a redenção do Cristo Grande de todos os tempos, que se perpetua em doação amorosa aos homens na Igreja, serem levadas por Ele ao triunfo definitivo dos Bem-aventurados; e com a entrada de Cristo na Eternidade, introduzir-nos a viver, em desfrute ditosíssimo, no gozo infinito da participação, em glória, da mesma vida divina da Trindade.

E nesta manhã, festa do Imaculado Coração de Maria, também durante o santo Sacrifício do Altar, cheia e exultante de gozo no Espírito Santo

⁸ Jo 7, 37; Ap 21, 6.

⁹ Jo 6, 56. 40.

pelo amor filial tão grande e transbordante que oprimo no meu espírito pela Santíssima Virgem, senti que a Sapiência divina, especialmente no momento da Consagração, imprimia no mais profundo do meu espírito algo muito doce e saborável sobre a Santíssima Virgem, a Mãe do Verbo Infinito Encarnado, o qual é a divina Misericórdia que se nos derrama a borbotões desde o Seio do Pai pelo seu lado aberto através da Maternidade de Maria para a salvação em restauração da humanidade caída.

O meu espírito penetrava, com gozo, que o derramamento da misericórdia infinita sobre o homem caído, foi anunciado e promulgado por Deus no Paraíso terrestre; que se nos daria por meio da Mulher, cuja descendência esmagaria a cabeça da serpente: «Porei hostilidade entre ti e a Mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela. Esta te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar»¹⁰.

Já que por Maria, em Maria, pela vontade do Pai, o amor do Espírito Santo e a Encarnação do Verbo, o Unigênito de Deus se fez Homem e habitou entre nós, sendo o Primogênito da descendência da Mulher.

Pelo que, no ano de 1959, a minha alma exclamava: «Maria é quem tem a “culpa” de que todos os homens encham-se de graça e vivam

¹⁰ Gn 3, 15.

de Deus, porque arrancando a Graça que sai do Seio do Pai, que é o Verbo, roubou ao Pai a Fonte da graça –“de cuja plenitude todos recebemos”¹¹– e deu-a aos homens».

É Maria a Mãe de Cristo, o Filho de Deus Encarnado e seu Filho, a Mãe da Misericórdia; pelo qual a proclamam bem-aventurada todas as gerações.

Sendo Maria a Porta do Céu, a Mãe do Amor Formoso.

Entoando minha alma, exultante de gozo no Espírito Santo, com a Santíssima Virgem, o seu *Magnificat* de glória.

«A minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador... o seu Nome é Santo e a sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem...

Acolheu Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia, conforme prometera a nossos Pais, em favor de Abraão e de sua descendência para sempre»¹²;

dando glória ao Pai, glória ao Filho e glória ao Espírito Santo pelo Unigênito de Deus feito Homem, o Filho de Maria e o Primogênito da humanidade, que é Deus, «porque as suas misericórdias são eternas»¹³ e não têm fim.

¹¹ Jo 1, 16.

¹² Lc 1, 46-55.

¹³ Sl 135.

22-2-2001

EM SAUDADES QUE ESPERAM O DIA DO ENCONTRO...

Ó SE EU PUDESSE DIZER OS POEMAS DA PASSAGEM DE DEUS EM MISTÉRIO...!

Ó se eu pudesse abrir os ferrolhos dos mananciais da minha abrangência...!

Ó se eu pudesse romper os silêncios que oprimo na profundidade do meu coração...!

Ó se eu pudesse dizer em poemas de alguma maneira quanto Deus imprime dentro no meu interior...!: as vozes que ouço em conversações que são petições do Ser Infinito que se soletra em dardo de amor.

Ó se eu pudesse de alguma maneira, ainda que só fosse em detonações da minha pobre voz, sendo só o Eco da Igreja Mãe, dizer o que escuto ali no recôndito da minha alma silente, lacrada e cadente quando me fala Deus...!

E no mais profundo, secreto e sagrado da minha abrangência,

o silêncio irrompe em conversações
de tênues acentos e profundas vibrações,
e em retornos do ser adorante
ao Eterno em Voz;

que passa potente, silente e cadente
em carro de fogo beijando a esposa,
que espera enclaustrada toda reverente
que volte o Amor,
para repletá-la com suas doações,
qual Herói de amores em fulgente Sol.

Amador zeloso, Triunfador de glórias,
Grande Conquistador,
acalma já as ânsias das minhas petições
que, em palpitações da minha abrangência,
reclamam urgentes um encontro ingente,
quedo e refulgente em passagem veloz.

Ó se eu pudesse dizer de algum modo
o que oprimo dentro sem explicação!;
rompendo em cantares de tênues acentos,
qual Eco da Igreja em repetição
de minha Mãe santa, chorosa e carregada
de penas,
que pede ajuda à minha imolação;
quando Deus aproxima-se em passagem
de fogo
para pronunciar-se com sua eterna voz
à minha alma erguida, cheia de penares;
que espera incansável romper em poemas
de proclamação

de quanto me diz tua voz no meu peito,
santa e sacrossanta, meu divino Amor.

Mas, por mais que queira e intente
expressá-lo
e manifeste-o rompendo em gemidos,
de profundos soluços ali no meu interior;
não será possível dizer o indizível,
tocar o intocável com as expressões
da minha rude voz.

Nunca direi nada do Ser intocável
quando me levanta em contemplação,
para que surpreenda seu *ser-se* eterno
naquele instante sublime e velado
de Deus *ser-se* Deus.

Não sei o que digo nem como expressá-lo,
mas sinto um impulso dentro no meu interior,
tão forte e secreto, tão doce e candente,
de tanto mistério, cheia de pudor,
que, quando o expresso, sinto no mais
profundo
da minha alma ferida, no mais selado
da minha abrangência,
que profano a fala de Deus em mistério
com os retinires em detonações
da minha explicação.

Sinto uma saudade de melancolia
que invade minha vida cheia de estupor,
por dizer em canto do modo que possa
mistérios profundos que eu contemplei

no mesmo arcano sagrado e lacrado
do *Ser-se* de Deus;
naquele segredo do *Sancta Sanctorum*,
onde o Pai rompe, gerando o Verbo,
em Explicação.

Não sei o que digo nem como expressá-lo...
Tenho a alma cheia e, na minha imolação,
oprime um lamento sagrado e secreto
em repetições de detonação,
ao ver que não posso, por mais que o intente,
dizer seus poemas, em lamentações,
com os rangidos da minha destruição.

Não sei se é que vivo meu Céu na terra,
ou é terra no Céu que, em continuação,
marca meu caminho seguro e certo,
buscando tão só a glória de Deus
em luta constante por não o conseguir
do modo e maneira que o experimento
no mais profundo, no mais recôndito
da profundeza sacra do meu coração.

Deus fala e espera que eu o proclame,
muito profundo e certo ali no silêncio,
dentro no meu interior.

E quando me lanço, cheia de saudades,
para proclamá-lo, fico emudecida
por não achar palavra aqui nesta vida,
cheia de estupor,
para que decifre eternos cantares
em conversações de retorno.

Deus fala à minha alma e eu o apercebo...,
e faz-se um silêncio que é adoração,
amor reverente, respeito indizível
anonadada em gozo inefável.

E assim emudecida surgem agonias
nas contensões profundas, sagradas,
secretas, seladas no mais lacrado
por Beijo de Deus.

E ainda que sejam vida, por ser do Eterno,
as suas conversações,
são tão doloridas as suas reclamações
que rebento em pranto de consternação.

Como deve-se dizer Deus sem palavras
neste desterro sem a sua captação,
onde não se ouvem os doces acentos
do Ser Infinito que envolvem os ditos
d'Aquele que é Palavra em conversação...?!

Deus fala à minha alma para que o diga
e o manifeste com a minha pobre voz;
e eu estremecida,
toda comovida,
fico emudecida
diante da Palavra d'Aquele que me envia
com sua voz potente e em ternos acentos,
qual doce Amador.

Ó se eu dissesse de alguma maneira
o que encerro dentro em imolação,
diante dos contrastes divinos, sagrados,
de que Deus envia-me em proclamação

aos que, tendo ouvidos, não ouvem
pela dura noite da confusão
que envolve os homens que não conheceram
o dito silente, secreto e vibrante
do Verbo de Deus...!

Ó se eu pudesse de alguma maneira
dizer quanto oprimo dentro no meu interior!,
sem poder dizê-lo sob a impotência
que hoje experimenta a limitação
desta criatura, tão pobre e tão rude,
diante do poderio em suma excelência
e excelsa potência d'Aquele que me impulsa
com ímpeto eterno que o manifeste
em proclamação,
com meu quedo acento sob os mistérios
de uma incompreensão
que guarda o segredo do profundo silêncio
em que vivo oculta na minha destruição.

Ó se eu dissesse...! Mas, guarda silêncio!,
cala, alma querida!: Deus conhece o modo
das agonias que tens em teu interior,
quando, enamorado, lança-se ao teu encontro,
alçando o teu vôo, em passo veloz,
ao gozo glorioso, ingente e ditoso
de quem te levanta à sua posse.

Enquanto que a minha alma, toda
estremecida,
candente e rendida,
toda subjugada pela sua perfeição,

responde do seu modo, e espera que empreenda
carreira veloz
sob os fulgores do excelso *Ser-se*,
do Eterno Sol,
que me diz: Espera, ainda é cedo, esposa,
tens que proclamar-me com o teu pobre acento,
sem saber o modo de poder fazê-lo
diante da excelência da minha Perfeição.

Não gemas tão forte, não sofras, Igreja,
que ainda não chegou
o dia almejado
de que te introduza em minha posse!:
Espera e adora.
Conheço as penas das abrangências
da tua petição.

Enquanto mais procuro dizer os cantares
que oprimo em minha profundidade,
mais silente fico na incompreensão
de uma vida oculta que vai ofegante,
toda dilacerante,
sem querer mais coisas que dar glória a Deus;
almejando o dia, cheia de saudades,
em que Deus me leve, atrás dos meus penares,
em ressurreição,
ao Gozo infinito de quem me enviara
a manifestá-lo com as profecias
e as melodias de uma imolação.

Poemas de glória que entoa a minha alma...,
e que o Ser recebe em retorno

pelas doações que põe no meu anelo
sem mais petições que a minha vida em dom.

Descansa tranqüila, espera em silêncio...
Deus te fala em arrulhos de brisa cadente
com assobio delicado, todo enamorado,
sendo teu Amador.

Tão só te exige que sejas resposta
do modo que possas em retorno.

Descansa, alma minha, repousa tranqüila,
que beija o Amor
com passagem de fogo, para que o digas
do modo que possas,
sob a pobreza da tua grande miséria,
com o queixume da tua entrega em dom.

Amo-te, meu Deus...! Amo-te, Senhor...!
E esta é a resposta mais profunda e lacrada,
mais enamorada
que oprimo em minha profundeza, secreta
e selada,
da minha doação:

Dizer-te «amo-te!», meu Deus infinito,
Amador de amores,
sob o grande mistério que encerra tua passagem
em beijo de Esposo ali no profundo,
secreto e lacrado do mais sagrado,
e o mais recôndito que há no meu interior.

Amo-te, meu Deus...! Espero-te e almejo-te,
meu doce e divino Amador.

26-7-1997

*Festa de São Joaquim e Santa Ana,
Pais da Santíssima Virgem*

**DORMIU A SENHORA
EM ASSUNÇÃO
TRIUNFANTE E GLORIOSA
PARA A ETERNIDADE**

[...] Diante da proximidade do dia glorioso da Assunção de Nossa Senhora, quero manifestar o que, no dia 15 de agosto do ano de 1960, viveu o meu espírito, levado por Deus [...] a contemplar, de uma maneira profundíssima, claríssima, inimaginavelmente surpreendente, e vivida em saboreamento de desfrute de Eternidade, o momento transcendente, sublime e indescritível, cheio de esplendor e majestade, de ser levantada desta terra, em Assunção gloriosa, ditosíssima e esplendorosa, Nossa Senhora, toda Virgem...!, toda Mãe...! e toda Rainha...!, em corpo e alma ao Céu.

[...] Gozei tanto [...] naquele 15 de agosto, contemplando a última passagem do peregrinar da Virgem para a Eternidade, que tenho-o lacrado na profundidade do meu espírito como um romance de inédita ternura que jamais po-

der-se-á nublar na alma da última, mais pobre e miserável das filhas da Santa Mãe Igreja, pelo cintilar luminoso da sua manifestação, diante da magnificência do trânsito, em Assunção em corpo e alma para a glória, de Nossa Senhora da Encarnação.

Numa nota explicativa, no final do escrito que ditei aquele dia, adentrada por Deus numa oração muito profunda, expressava isto que [...] acabo de manifestar:

15-8-1960
(Fragmento)

«Ao entardecer deste dia, 15 de agosto de 1960, tive uma luz muito forte da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma para a Eternidade.

Contemplei como era levantada toda Ela pelo beijo imutável do Espírito Santo.

Como outras muitas vezes, senti-me totalmente tomada por Deus, e expressei, como pude, o que a minha alma viu da Assunção de Nossa Senhora.

Sentindo-me roubada e ultrapassada pela contemplação de tão maravilhoso espetáculo, gozei de uma doçura tão profunda, de uma paz tão espiritual e de uma dita tão indescritível, que jamais poderei esquecer esta impressão.

E deixou-me tão tomada, que durante muito tempo tive uma presença contínua deste grande momento:

Dormiu a Senhora...! Dormiu para a vida da terra, para viver em toda a sua plenitude a posse da Eterna Sabedoria em sua clara, plena e total visão.

Dormiu a Senhora...! Sonho que é um romance de amor, lançado pela Boca divina no beijo eterno da sabedoria amorosa do Espírito Santo.

Dormiu a Senhora...!

Dizem que “é preciosa a morte dos justos”¹, porque não é nada mais que um beijo do Espírito Santo, tão silencioso...!, tão suave...!, tão fundo e tão profundo...!, que, num requebro de amor imutável, leva a alma, às vezes sem que esta quase o aperceba.

Assim aconteceu com Maria: foi tanta paz...!, tanta imutabilidade...!, tanto silêncio...!, tão fundo e tão profundo...!, que se encontrou de repente na glória.

Foi um sonho de amor, no esvoaçar infinito do Espírito Santo, no abraço do seu Consorte divino: dormiu para a vida no beijo e no abraço do Espírito Santo...!

¹ Sl 115, 15.

Dormiu a Senhora diante do beijo imutável do Amor Infinito que, ao embalá-la no seu arrulho divino, quase sem apercebê-lo, levou-a: roubou a sua “presa” num descuido d’Esta...!

“Eu vos conjuro, mulheres de Jerusalém, pelas corças e gazelas do campo, que não desperteis nem façais acordar a amada, até que ela o queira...”².

“Vem do Líbano, esposa minha, que já passou o inverno, e já as vinhas em flor espargem o seu aroma...”. “Vem, amada minha, que já passaram as chuvas”³ para a Mãe do Verbo do Pai, Encarnado, e a Esposa do Espírito Santo...

Silêncio...!, que está dormindo a Senhora no beijo infinito da Imutabilidade Eterna, saboreando silenciosamente o contato divino do Esposo virgíneo na sua boca boa de Amor incriado...!

Dia da Assunção de Nossa Senhora...!

Toda a vida de Maria, da Virgem, foi uma ascensão que, ao chegar o instante cume, máximo, repleto e total da sua transformação em Deus, segundo a sua capacidade como criatura única, predestinada e criada para ser Mãe do Verbo Infinito Encarnado pela vontade do Pai, sob o arrulho infinito e a suavidade sonora do

² Ct 2, 7.

³ Ct 4, 8; 2, 11. 13.

Espírito Santo, Consorte divino da Virgem, que a fez romper em Maternidade divina; parou-se diante da posse face a face, na luz da glória, da Sabedoria eterna na sua imutabilidade infinita...

Parou a Senhora na sua ascensão para Deus...! Ascensão que começou no dia em que foi concebida sem pecado original, cheia de graça e só para Deus e a realização dos seus planos eternos derramando-se sobre a humanidade por meio da Encarnação realizada nas entranhas puríssimas da Virgem; para terminar naquele instante no qual, estando a sua capacidade repleta, foi possuída pela imutabilidade de Deus...

Tinha que ser saturada, abraçada e sustentada pela imutabilidade imutável das três divinas Pessoas aquela criatura que, anunciada por Deus desde o Paraíso terrestre e predestinada para ser Mãe de Deus, Co-redentora com Cristo ao pé da cruz e Mãe da Igreja universal em Pentecostes, subiu tanto..., tanto..., tanto...! que, afundando-se na profundidade profunda da divina Sabedoria, teve que ser beijada com um beijo eterno de imutabilidade, diante da impossibilidade, segundo a sua capacidade de pura criatura, única e inimaginável como Mãe de Deus e de todos os homens, de poder aprofundar-se mais.

Maria, na sua Assunção gloriosa em corpo e alma para a Eternidade, remontou seu vôo por cima dos Anjos e Arcanjos, Querubins e Serafins e de toda a criação; sendo introduzida pelo

Amor infinito da Virgindade Eterna na profundidade funda daquele eterno Gerar...; Gerar que dá à luz, da sua mesma Luz, o eterno *Oriens* no amor infinito e coeterno do Espírito Santo.

Se Maria tivesse podido ser um pouquinho mais divinizada, teria vivido mais. Deus fez Maria com capacidade quase infinita de divinização; e quando esteve saturada e repleta, arre-messando-se sobre Ela, manifestando-se no atributo da imutabilidade, como Herói enamorado, roubou a sua presa, e a fez imutável na luz da glória.

Toda a vida da Virgem foi um trânsito, no qual o Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, depositou um beijo de Eternidade; beijo que, no seu saboreamento amoroso, terminou introduzindo-a na imutabilidade silenciosa da Eterna Sabedoria.

No silêncio silencioso do beijo sacrossanto da Boca divina, a Senhora nota..., experimenta..., que a sua assunção no seu vôo por este desterro, com as suas grandes asas de águia imperial estendidas, chega ao seu termo...; que a sua assunção, pela sua capacidade cheia e repleta de Divindade, está para parar-se de um momento para outro na luz da glória da Imutabilidade.

A alma de Maria, toda deificada, transformada na Divindade, é toda ela uma antecipação

de Céu. É o Jardim florido, “o Jardim fechado”⁴; Aquela que entre milhares foi escolhida, predestinada, criada e concebida para ser Mãe da Sabedoria Encarnada; daquela Sabedoria que, em seu *ser-se* o Imutável, *se é* o Instante virgíneo da Eternidade silenciosa.

Já está preparada por Deus a alma de Maria para o seu trânsito definitivo à luz da glória em visão esplendorosa, em posse total, desatada deste desterro...

No céu tudo é festa, alegria e *contento*; porque, desde o mesmo Seio de Deus, contempla-se como a Senhora, a Mãe, está para ser arrebatada em corpo e alma, de um momento a outro, por aquele Amor que, deste toda a eternidade, criou-a para fazê-la sua Esposa preferida...

Está o divino Consorte da Senhora esperando aquele instante-instante no qual, desde toda a eternidade, predestinara Maria para ter cheia, totalmente cheia!, a capacidade de divinização que Deus determinara para Ela.

E diante da impossibilidade de mais plenitude, ao estar a sua capacidade, quase infinita, plena, dormiu a Senhora...!

Ao chegar a alma de Maria àquele ponto de divinização quase infinito, toda Ela era levada e

⁴ Ct 4, 12.

trazida..., beijada e festejada..., amada..., abismada e adentrada naquela vida íntima da adorável Trindade...

E o Amor, beijando-a suavemente..., ternamente..., silenciosamente..., no seu beijo imutável, silencioso e indizível de Virgindade...; naquele instante-instante no qual está a alma de Maria, com a sua capacidade cheia de divinização, segundo o plano de Deus para com Ela, sim, naquele instante-instante, a carícia imutável do Espírito Santo roubou a sua “presa”, num êxtase de amor, cheia e repleta, saturada e apertada, por participação, de Divindade.»

[...] E anonadada, trêmula e assustada, quero transcrever também em continuação [...] o pouco que pude expressar no dia 15 de agosto de 1960, diante da contemplação de tão sublime e inefável mistério;

pois não encontraria outra maneira mais expressiva, espontânea, profunda e clara de comunicar [...] o que o Senhor fez-me viver e manifestar naquele dia sobre o mistério esplendoroso da Assunção da Virgem:

«Silêncio...! Silêncio...!
Silêncio...!; que está por dormir a Senhora...

Silêncio...! Silêncio...!

Silêncio...!; que está saboreando tão silenciosamente..., tão ternamente..., tão divinamente..., no convite divino do beijo imutável do Espírito Santo, que toda Ela, quase sem apercebê-lo, está sendo levantada, sem nenhum movimento, pelo mesmo beijo divino e imutável do Espírito Santo...

Silêncio...! Silêncio...!, respeito...!, veneração...!; que estou contemplando o momento esplendoroso e majestoso no qual a Senhora está sendo levantada para a Eternidade pela passagem silenciosa de Deus que, em beijo amoroso de Espírito Santo, está atraindo-a para si pela suavidade da sua brisa divina...!

Fez-se um grande silêncio...!

Tudo é silêncio em redor de Maria...!

Tudo, para a sua alma de Virgem-Mãe, é como o arrulho silencioso da rola que vem para arrebatá-la a sua presa no silêncio secreto da imutabilidade virgínea, da santidade pacífica, do silêncio profundo do Espírito Santo...

Tudo está em silêncio...! A paz inunda a terra...!

E a minha alma, desde a terra, nesta rude habitação, e na paz do silêncio que envolve Maria, contempla, adorante, como a Senhora está sendo levantada em Assunção gloriosa para a Eternidade...

O respeito anonada todo o meu ser, que desejaria correr atrás d'Ela, para acompanhá-la na sua Assunção triunfal, num cântico de agradecimento a Deus e de louvor perfeito...

Silêncio...!, silêncio...!

Silêncio...!, que a imutabilidade imutável do *ser-se* do Ser, no seu ato trinitário de vida divina, lança-se silenciosa e amorosamente ao encontro daquela alma tão divinizada, na qual, suave e ternamente..., na profundidade profunda da sua paz silenciosa..., a adorável Trindade deposita um beijo de imutabilidade infinita...

Beijo de Eternidade que, no silêncio saboroso da boca divina do Espírito Santo, atrai, como um ímã sutilíssimo, a alma da Virgem, levantando com ela o seu corpo pela força da brisa acariciadora do ímpeto divino, para a posse total, completa e absoluta, em pleno gozo, da luz resplandecente da sua face divina.

Ó, que momento de felicidade transbordante de plenitude para a Virgem...!

Silêncio...! Silêncio...!

Silêncio...!, que a Senhora sente que toda a sua alma acende-se suave e pacificamente no calor saboroso, misterioso e infinitamente inalterável do beijo divino da Imutabilidade por essência num ato trinitário...

E sem quase apercebê-lo..., sem dar-se conta..., sem notar nada..., a Senhora encontra-se,

num abrir e fechar de olhos deleitável..., suave e silencioso..., diante daquele Deus que Ela contemplara e possuía durante toda a sua vida; mas agora, realizado o grau de divinização determinado pelo mesmo Deus, é arrebatada e introduzida na câmara nupcial, para ter na Pátria o mesmo que tinha no desterro, mas em posse plena, gozosa e absoluta de Eternidade.

Não se realizou em Maria mais variação que a de ter enchido os limites da vontade de divinização que Deus, desde toda a eternidade, tinha-a predestinada como sua Mãe, para passar à posse total da Imutabilidade divina no seu ato eterno de vida trinitária...

E à Maria, que até então estivera divinizando-se, neste momento, o beijo eterno do Espírito Santo, colocando-a na sua imutabilidade, a faz participar de tal forma desta mesma imutabilidade, que a Senhora é por participação um ato imutável de vida trinitária, no qual se parou a sua divinização com a sua capacidade repleta...

E diante desta plenitude como infinita da criatura pelo seu Criador, realiza-se um mistério de amor no beijo silencioso, eterno e arrulhador do Espírito Santo, que, enamorado e roubado pela Virgem Mãe, pela Senhora, arrebatada em corpo e alma, colocando-a de cheio e plena-

mente a participar da imutabilidade imutável da Trindade una.

E no silêncio daquele *Sancta Sanctorum* da eterna Sabedoria, fez-se um maior silêncio –se isto for possível no céu–; porque a Senhora, diante da roçadura silenciosa do beijo divino, entra Assunta, envolvida, penetrada, saturada e impelida pela corrente divina do Espírito Santo, na câmara daquele divino Consorte que a criou e predestinara desde toda a eternidade, para fazê-la a Criação-Mãe da criação, depois da alma de Jesus...

Silêncio...! Silêncio...!; que estou contemplando Maria sendo levantada em corpo e alma para o dia glorioso da Eternidade pelo beijo infinito que as três divinas Pessoas depositam n'Ela...

Ó...! toda a terra ficou num grande silêncio...!

Porque, ao remontar o seu vôo a Senhora, o céu, na sua glória accidental, fez-se mais rico, enquanto que a terra ficou mais pobre...

O Céu levou a Senhora, e a terra perdeu-a para encontrá-la gloriosamente na luz da glória da eterna Sabedoria...

Cumprira Maria a sua missão de Virgem Mãe, de Co-redentora e Mãe da Igreja; e agora, *Assumpta*, sobe ao Céu para seguir a sua mediação universal entre Deus e os homens.

Teve que dormir a Senhora...! Era necessário que a Imutabilidade a possuísse totalmente, e Ela, assim mesmo, possuísse a Imutabilidade!

Porque, um passo mais!, e teria ultrapassado os limites da sua capacidade quase infinita de divinização...

E por isso, porque isto não era possível, DORMIU A SENHORA...!»

[...] E após isto que [...] manifestei do pouco e pobremente que pude expressar aquele dia pela sublimidade de quanto estava acontecendo, metida no seu mistério enquanto que o contemplava, concluiu para esta pobre, desvalida e miserável filha da Igreja a contemplação gloriosíssima de Nossa Senhora no momento de ser roubada pelas três divinas Pessoas, no romance de amor mais divino e divinizante que só Deus, na sua Sabedoria Canora de Amores eternos e inéditas melodias, é capaz de expressar adequadamente sem profaná-lo.

Pelo que, desde a baixeza do meu nada e a ruindade da minha pobreza, sinto pavor e tremor ao tê-lo que descrever com minha pobre e entorpecida língua, mediante o impulso amoroso do Espírito Santo que me lança, para que o proclame em sabedoria amorosa do modo e da maneira que esteja ao alcance da nulidade e limitação da minha pequenez.

[...] Onze anos mais tarde, aos 15 de agosto de 1971, o Senhor deu-me outra grande luz sobre «O Trânsito da Senhora da Encarnação»; mas não foi a contemplação daquele momento do modo tão sem igual que o vi e que tão pobre e reduzidamente [...] acabo de expressar [...].

Também aos 15 de outubro de 1972, depois de ter-me mostrado o Senhor, em datas anteriores, «O Caminho da vida», com o «abismo» no seu termo, e no qual vi cair muitos dos que loucamente caminhavam sem prevenir-se das suas «asas de águia» para podê-lo atravessar, ditei um escrito titulado: «Maria cruzou o abismo».

[...] E quero expressar [...] com abertura de alma e simplicidade de coração, o que, através destas manifestações de Deus, vou entendendo com a minha pobre compreensão, iluminada por Deus e sob o impulso e o amor do Espírito Santo, de quanto Deus me faz conhecer dos seus mistérios para que os proclame; ainda que bem compreendo que não posso saber, na minha limitada pobreza, nem vislumbrar sequer o que, através dessas mesmas comunicações, tenha deixado de manifestar-me; e de como realizou-se, e seus porquês, o mistério da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao Céu [...]; transcrevendo [...] alguns fragmentos mais significativos dos escritos ditados estes dias [...].

E faço tudo isto humilde, sincera e espontaneamente, como filha pequena da Igreja [...] para ver se, com quanto creio entender através do que o Senhor mostra-me e com a minha pobre colaboração, em algo posso ajudar a Igreja –coisa que desejo e necessito fazer no tempo que o Senhor ainda conceda-me de vida– [...].

A Senhora da Encarnação, que era Virgem, Mãe, Rainha e Senhora, pelo mistério da Encarnação e nele, deu a sua carne e o seu sangue, sem mais intervenção que a divina, ao Verbo Infinito do Pai, Encarnado; para a realização do retorno em reparação amorosa da Santidade infinita ultrajada, da maneira mais perfeita e acabada que, em manifestação cruenta, a criatura pode dar a essa mesma Santidade infinita de Deus ofendida.

Ao mesmo tempo que Cristo, pela sua humanidade santíssima e o seu sangue redentor, derramado no Calvário, reparou o pecado da criatura diante do Criador em manifestação de redenção expiatória em sangrenta crucificação; não só redimindo-nos, mas elevando-nos, feitos um com Ele, a ser filhos de Deus e herdeiros da sua glória; cantando com o Unigênito do Pai, por participação de adesão filial, o Cântico novo, o Cântico magno que só Deus pode cantar-se, pela recepção do Pai ao seu Filho que, sendo «o Primogênito entre muitos

irmãos»⁵, apresenta-se diante d'Ele com o direito que lhe dá a sua filiação;

abrindo os portões espaçosos da Eternidade, e introduzindo nela para sempre todos os que quisessem se beneficiar da sua redenção, pela carne puríssima e o sangue que deu Maria ao Verbo ao encarnar-se, sem mais intervenção que o beijo de Virgindade infinita do seu Esposo divino, o Espírito Santo.

Cristo com o martírio do seu corpo, oferecido ao Pai em imolação, e a dor dilacerante e rasgadora da sua alma santíssima, levar-nos-á, no amanhã da Eternidade, a gozar com Ele para sempre na alma e corpo glorificado.

«Por isso, ao entrar no mundo, Ele afirmou:

“Tu não quiseste sacrifício e oferenda. Tu, porém, formaste-me um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não foram do teu agrado. Por isso Eu digo: ‘Eis-me aqui, –no rolo do livro está escrito a meu respeito– Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade’...; E graças a esta vontade é que somos santificados pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas”»⁶.

E este corpo e o sangue para a redenção o deu o Pai através da Maternidade divina da Virgem, atuada só pelo beijo do seu Esposo divino, o Espírito Santo.

⁵ Rm 8, 29.

⁶ Hb 10, 5-7. 10.

15-8-1971
(Fragmento)

«O mistério da Encarnação é tão infinito e rico, tão exuberantemente sugestivo e tão transcendentemente maravilhoso, que faz possível que, pela união da natureza divina e a natureza humana na pessoa do Verbo, Deus seja tão homem como Deus, e o Homem seja tão Deus como homem.

Pelo que Cristo é intrinsecamente em si e por si mesmo, Sacerdote, União de Deus com o homem, de uma maneira tão maravilhosa, que a função do seu Sacerdócio é ser em si mesmo essa união.

Cristo, pelo mistério da Encarnação e através da sua vida, morte e ressurreição, levou a cabo, em função do seu Sacerdócio, a restauração completa do homem.

Só Ele verificou-a e terminou-a na perfeição da realização do seu Sacerdócio. Nada nem ninguém lhe pôs nem lhe tirou, nem lhe pôde aumentar nem diminuir ao acabamento do seu plano; que, não só Ele realizou fazendo o que fez nos seus trinta e três anos, mas que teve realizado em si desde o primeiro instante da Encarnação, quando uniu para sempre Deus com o homem, ainda que de distinta maneira que ao terminar a redenção; mediante a qual, em função do seu Sacerdócio, enterrou o ho-

mem velho, ressuscitando-o com Ele para uma vida gloriosa.

E por isso, o mistério da redenção começa no momento da Encarnação, e termina na glorificação de Cristo; porque “vã seria a nossa fé, se Cristo não tivesse ressuscitado”⁷, abrindo-nos de par em par o Seio do Pai, que fora fechado pelo pecado original.

O mistério da Encarnação é o mistério do Sacerdócio de Cristo. E porque não se conhece bem o mistério da Encarnação, tampouco conhece-se o do Sumo e Eterno Sacerdote que, ficando em função do seu Sacerdócio desde este mesmo instante da Encarnação, foi realizando-o, para demonstração do seu amor pelo homem e para a captação deste, através dos seus trinta e três anos: nascendo, pregando, vivendo, ensinando com a palavra, o exemplo e os seus fatos como Ele era «o caminho, a verdade e a vida»⁸; chegando à manifestação máxima da função do seu Sacerdócio, que o levou a morrer com o homem pecador, a sofrer em si as conseqüências do pecado, ressuscitando-o com Ele para uma vida nova, infinita e eterna que Cristo era em si, e que pela sua morte e ressurreição conseguira para todos os homens que quisessem enxertar-se, como «os sarmentos na videira»⁹, na Cepa da vida.

⁷ 1 Cor 15, 17.

⁸ Jo 14, 6.

⁹ Cf. Jo 15, 5.

Deus quis que o mistério da Encarnação e, portanto, da doação de Deus ao homem, se realizasse no seio da Virgem, sem que Ela lhe aumentasse nem diminuísse nada à plenitude desse mistério.

Todavia, por um plano do mesmo Deus, Maria colaborou ativamente na Encarnação tão maravilhosamente, que deu a Deus o meio que necessitava para ser tanto homem quanto Deus.

Deus fez o mistério; começou-o e terminou-o pela plenitude do seu poder; mas a Virgem colaborou com as divinas Pessoas a realizá-lo no modo sublime que estas mesmas Pessoas quiseram no seu infinito desígnio; passando Ela a ser, por esse plano amoroso, Colaboradora com o mesmo Deus na realização do mistério da Encarnação através da sua Maternidade divina.

Vemos [...] como foi Deus quem realizou todo o mistério da Encarnação, que foi unir Deus com o Homem na pessoa do Verbo pela vontade do Pai e no impulso do Espírito Santo.

Mas vemos também como, na realização desse mistério, a Virgem tomou uma parte tão ativa, que colaborou com as divinas Pessoas para que esse mistério se efetuasse, de tal forma que ficou constituída Mãe de Deus.

E tão maravilhosa é a sua Maternidade divina, que é tanto Mãe de Deus quanto do Homem; sendo ao mesmo tempo Mãe universal de todos

os homens que, enxertados em Cristo pelo mistério da Encarnação e em função do seu Sacerdócio, passam a ser, por e no seio de Maria, filhos de Deus e herdeiros da sua glória.

Como a vida de Cristo é ser em si a manifestação do seu Sacerdócio, e este Sacerdócio é por e na Maternidade de Maria, todo o exercício do Sacerdócio de Cristo em todas e em cada uma das suas realidades e manifestações, é também por e na Maternidade de Maria.

E assim como Cristo realiza tudo por ser em si o Sumo e Eterno Sacerdote e em função do seu Sacerdócio, Maria não é em si o Sacerdote, mas sim colabora com o Sumo e Eterno Sacerdote em que o seu Sacerdócio seja, e na função sacerdotal do mesmo, por meio e através da sua Maternidade divina.

E aí está Maria realizando o sacerdócio peculiar da sua Maternidade, por Cristo e com Ele, em todos e em cada um dos momentos da vida de Cristo; que n'Ele são exercício do seu Sacerdócio e que, pelo sacerdócio da Maternidade de Maria, vai exercendo e manifestando.

E por isso, com a morte e ressurreição de Cristo termina a redenção de Cristo e a co-redenção de Maria: Ele oferecendo-se ao Pai em função do seu Sacerdócio; e Ela oferecendo o Cristo ao Pai em função do seu, que se chama Maternidade divina.»

Pelo que Maria, [...] a Virgem Branca da Encarnação, criada sem pecado original pelos méritos previstos de Cristo, sem ter mais inclinação que dar glória a Deus por meio do cumprimento perfeito da sua vontade que a fez Co-redentora de toda a humanidade e Mãe universal de toda ela e da Igreja Santa, e tendo cumprido todo o plano divino sobre Ela na redenção de Cristo, pôde ser libertada da morte, que é só consequência do pecado original, do qual a Imaculada Conceição foi isenta.

Nem tampouco creio que necessitasse morrer como Cristo crucificado; porque, no momento máximo da redenção, na paixão de Cristo, Maria experimentou e viveu o martírio mais inconcebível de dores incomparáveis junto ao seu Filho, sendo Rainha e Mãe de todos os mártires; pagando, em Cristo e com Cristo, e feita uma com Ele em adesão incondicional, as consequências do pecado original de todos os homens.

De forma que, no Calvário e pelo exercício do sacerdócio da sua Maternidade divina, ofereceu livre e voluntariamente a sua Vítima ao Pai, o seu próprio Filho; que, feito Homem por amor e morrendo em imolação, redimiu-nos para glória do Pai e salvação de todos nós, mediante o corpo e o sangue santíssimo que a Senhora da Encarnação deu-lhe.

Maria, feita uma com seu Filho, o Cordeiro Imaculado que tira os pecados do mundo, em

adesão total e incondicional de retorno amoroso ao Pai Eterno, sob o impulso do Espírito Santo e abrasada nas chamas do seu amor, carregada de penas e incruentamente, mas delirante de amor, oferecia-o à Santidade do Eterno Ser ofendida; e oferecia-se a si mesma, com Cristo, no máximo grau de martírio incruento e de imolação total que a pura criatura, concebida sem pecado original pelos méritos previstos da redenção de Cristo e cheia de graça desde o primeiro instante da sua Concepção, era capaz de dar a Deus na máxima destruição de si mesma.

A Virgem, ao pé da cruz, sofreu uma morte mística segundo a profecia de Simeão que uma espada de dor traspassaria a sua alma; como traspassou Jesus fisicamente o lado a lança do soldado, em manifestação da sua morte corporal.

Mais do que mil mortes foi a dor de Maria no Calvário, que a fez participar, na sua alma santíssima, como ninguém, da paixão e morte de Cristo.

Por Cristo, com Ele e n'Ele, a Virgem, no exercício do sacerdócio da sua Maternidade divina, ofereceu a sua Vítima para glória do Pai, e, sendo Co-redentora, por cada um dos homens que o seu Filho, no Calvário, encomendou-lhe, como Mãe universal de toda a humanidade.

Pela sua morte, Cristo abriu o Seio do Pai, penetrando glorioso no Céu; sendo vivida, também misteriosamente e de uma maneira ditosíssima e gloriosa, esta realidade pela sua Mãe santíssima em fruto de co-redenção com Cristo.

Morrendo misteriosamente com o Filho de Deus e seu Filho no Calvário, e recebendo o fruto da redenção para dá-la a todos os homens, como Co-redentora, através da sua Maternidade divina; Maria, na consumação cruenta do Sacrifício da cruz que, no exercício da sua Maternidade, ofereceu com Cristo ao Pai, morreu para a vida velha da humanidade.

E na restauração da criação, depois da sua morte mística com o Filho de Deus e seu mesmo Filho crucificado, ressuscitou com Ele para a vida nova que Ele nos deu; pelo qual já não necessitava morrer para ser assunta ao Céu.

A redenção de Cristo e a co-redenção de Maria foi consumada por Cristo na cruz.

Portanto, depois de ter aberto o Verbo Infinito Encarnado o Seio do Pai, e de ser glorificado, a morte de Maria, para ser uma com o seu Filho em tudo, vejo que já não era necessária.

Pois a manifestação máxima do amor de Deus para com o homem em redenção, realizou-se no Calvário; de onde a co-redenção de Maria, para glorificação de Deus e salvação das almas, no oferecimento de Cristo e feita uma

com Ele, através do sacerdócio da sua Maternidade divina, ficou consumada.

E mediante o testamento que Cristo lhe fez na pessoa de São João, manifestou-se a Maternidade universal da Virgem e a filiação de todos os filhos de Deus a respeito da Senhora.

Pelo que à Virgem só ficava, depois de Pentecostes, estar com a sua lâmpada acesa, esperando o momento e a maneira com a qual a vontade de Deus a levasse para gozar do fruto do plano divino terminado e cumprido sobre Ela.

Mediante o qual, «A cheia de graça» segundo o anúncio do Anjo, seria proclamada «bem-aventurada por todas as gerações» e «bendita entre todas as mulheres»¹⁰.

«Cristo funda a sua Igreja. E ali está Maria, em Pentecostes, sendo Mãe dos homens, com os Apóstolos: a Igreja nascente; colaborando também, por meio da sua Maternidade, para a fundação da Igreja; a qual é perpetuação entre os homens do Sacerdócio de Cristo e, portanto, da Maternidade da Virgem, desde o momento da Encarnação.

E vemos Maria nas passagens mais importantes da vida de Cristo, não fazendo as coisas

¹⁰ Lc 1, 28. 48. 42.

que Ele fazia, mas sim colaborando com Ele, pelo mistério da Encarnação, na sua vida, morte e ressurreição.

E quando a Virgem chegou na terra à terminação completa da função do sacerdócio da sua Maternidade, que foi colaboração com Cristo nos planos de Deus, por um querer da vontade infinita que determinou metê-la assim no mistério da redenção; Deus levou-a do modo que o homem, sem pecado original, teria subido ao Céu; com a participação, ademais, da riqueza que a redenção deu ao homem novo; e, por outro lado, segundo Deus quis que lhe correspondesse, depois da ressurreição de Cristo, àquela que era Mãe do Sumo e Eterno Sacerdote, na terminação gloriosa da função do sacerdócio da sua Maternidade divina e universal sobre a terra.

Não tinha a Virgem, ao chegar o momento da sua subida ao Pai, que morrer para que a colaboração do seu sacerdócio ficara terminada; porque o homem velho, com a morte de Cristo, ficou enterrado, e com a sua ressurreição ficou glorificado.

A colaboração de Maria foi cooperar passo a passo com Cristo no mistério da redenção, e esta ficou terminada no dia em que Cristo consumou-a.

Maria foi Co-redentora com Cristo; mas a redenção de Cristo e a co-redenção de Maria verificaram-se na vida, morte e ressurreição de Cristo.

Maria ofereceu-se com Ele ao Pai e ofereceu Cristo ao Pai com o direito que lhe dava a sua Maternidade divina e em função dessa mesma Maternidade que, n'Ela, era exercício do seu peculiar sacerdócio.

Pela sua morte, Cristo destruiu o pecado, sendo enterrado com Ele o homem velho, e pela sua ressurreição ressuscitou um Homem glorioso. E a redenção foi terminada, palpavelmente, sendo terminada também a co-redenção de Maria.

Depois da morte e ressurreição de Cristo, a Virgem não necessitava morrer para que ressuscitasse um homem novo.

Ela esteve sempre aderida ao seu Filho; e a postura da sua alma, depois da ressurreição, foi uma adesão tão grande a este Homem Novo, que a Senhora era com Ele a Mulher Nova que colaborou, pelo mistério da Encarnação, na vida, morte e ressurreição de Cristo, a enterrar o pecado e, com ele, o homem pecador, esmagando a cabeça da serpente, para que ressuscitasse um Homem Novo, ao qual se aderissem todos os filhos de Deus que quisessem enxertar-se na Árvore da Vida.

Portanto, Maria não necessitou, para ser Co-redentora, morrer, mas colaborar com Cristo, na sua vida, morte e ressurreição, para a redenção; colaboração que Ela realizou exercendo o seu peculiar sacerdócio no oferecimento de Cristo ao Pai, para a glória do mesmo Pai e santificação dos homens.

Quando Cristo morreu, a alma da Senhora da Encarnação, totalmente unida ao seu Filho, sentiu e experimentou em si o estremecimento e os terrores da morte mais terrível que possamos imaginar.

Em verdade, podemos dizer que a Virgem morreu com Cristo, na consciência claríssima que Ela vivia do mistério que se estava realizando ao pé da cruz.

Maria ofereceu-se com Cristo ao Pai e, aderida ao seu Filho, era tão una com Ele, que se sentiu morrer, sofrendo em si, pela sua Maternidade divina, as conseqüências do pecado original, no Fruto desta mesma Maternidade, pendurado na árvore da cruz.

Portanto, não necessitava a Virgem, para ser plenamente Co-redentora com Cristo, morrer ou ressuscitar para uma vida nova. Porque Maria foi Co-redentora, não morrendo Ela e sendo crucificada, mas vivendo em si a morte de Cristo e a sua crucificação; de tal forma que, no Fruto

da sua Maternidade divina, imolada, viveu a sua morte e crucificação.

Cristo, ao morrer, enterrou o homem velho. Mas Maria, que foi redimida, pelos méritos previstos de Cristo, na sua Conceição imaculada, foi também, por esses mesmos méritos, a Mulher Nova que esmagou a cabeça da serpente, não necessitando morrer para passar à Eternidade; já que, ao morrer Cristo e ressuscitar, enterrou o pecado e fez surgir um Homem glorioso.

E, desde este momento, Cristo é o Homem Novo, e Maria a Mulher Nova, que, pela morte e ressurreição de Cristo e através da Maternidade de Maria, levarão os homens a gozar eternamente da felicidade de Deus.

E assim como Maria não necessitou cair para ser redimida, tampouco necessitou morrer para subir ao Céu. Isso era a consequência do pecado que a Virgem não possuiu jamais, e que Cristo redimiu com a sua morte e ressurreição, e Ela co-redimiou colaborando com o seu Filho, por e através da função sacerdotal da sua Maternidade divina.

Não necessitou a Virgem morrer para ser Co-redentora, como tampouco necessitou pecar para ser redimida; e como a morte é consequência do pecado, quem não pecou não teve porque morrer.

Cristo tampouco pecou, mas carregou sobre si o pecado de todos os homens, e foi o predestinado por Deus para realizar n'Ele a morte deste pecado e a ressurreição do Homem glorioso.

E o que Cristo realizou pela perfeição do seu Sacerdócio, ao ser em si Deus e Homem; Maria, Senhora da Encarnação, realizou-o pela função da sua Maternidade divina, que a fez ser com Cristo Colaboradora, e, portanto, Co-redentora, no exercício do seu peculiar sacerdócio no Calvário.

E por isso a Virgem, por um lado preservada do pecado original, e, por outro, Co-redentora com Cristo, desfruta e participa dos direitos do homem alheio ao pecado. E, aderida ao seu Filho glorioso e ressuscitado, espera a sorte final dos justos, sem ter que realizar-se n'Ela os transtornos próprios desse mesmo pecado, que é a separação da alma e do corpo; transtornos que Cristo, “ao fazer-se pecado”¹¹ pelos pecadores, como Redentor e Supremo Sacerdote, quis experimentar em si; libertando com isto os homens da morte eterna, e proporcionando-lhes a ressurreição e a vida, mas deixando-lhes as consequências pessoais do seu “não” a Deus pelo pecado original e pessoal de cada um.

¹¹ 2 Cor 5, 21.

A Virgem não teve nem pecado original nem pecado pessoal. E assim como Cristo, ao “fazer-se pecado”, quis morrer para demonstrar-nos o amor que tinha por nós e sofrer em si as conseqüências deste mesmo pecado, Maria, criada sem pecado original e feita uma coisa com Cristo glorioso, não necessitava morrer para ser Co-redentora; já que Ela colaborou com Cristo na redenção, não morrendo, mas oferecendo o Sumo e Eterno Sacerdote, em função do peculiar sacerdócio da sua Maternidade divina, ao Pai como expiação dos pecados dos seus filhos.

Maria é tanto Mãe de Deus quanto do Homem; e por isso, com a morte do Filho de Deus feito Homem e seu Filho, glorifica o Pai e comunica a vida a todos os homens em função e pelo exercício da sua Maternidade divina.

Maria, para ser Co-redentora, não fez exteriormente o mesmo que Cristo, ainda que sim viveu o mesmo que Ele, participando como ninguém do viver de Cristo e da filiação do Verbo.

E assim vemos Cristo e Maria realizando cada um, segundo o plano de Deus, o exercício do seu peculiar sacerdócio, mediante o qual se levou a cabo a redenção no modo pessoal que, dentro dos planos divinos, cada um tinha que fazê-lo.»

Depois do que comuniquei [...] que contemplei no ano de 1960 e vou manifestando sobre as luzes recebidas no ano de 1971;

[...] humildemente manifesto [...] que no dia 15 de agosto de 1960, quando fui levada a contemplar o momento sublime em que a adorável Trindade desceu a este peregrinar da Senhora para recolhê-la e levá-la em corpo e alma para a glória, não vi, em nenhum momento nem de nenhuma maneira, separação entre a sua alma e o seu corpo;

uma vez que, já em Pentecostes recebera o Espírito Santo em companhia dos Apóstolos, para que através da sua Maternidade divina e pela plenitude que Ela tinha do mesmo Espírito Santo –que para comunicá-lo comunicou-se a Ela–, doasse-o durante todos os tempos e a todos os homens, como Mãe da Igreja universal, desde o mesmo dia de Pentecostes, com coração de Mãe e amor de Espírito Santo; e pela vontade do Pai e pela plenitude de Cristo que, através da Maternidade divina da Virgem, deuse-nos no mistério da Encarnação, e, por este glorioso mistério, na sua vida, morte e ressurreição, em imolação cruenta de redenção pelo sangue e pela carne que lhe deu Maria.

Pelo que esta pequena filha da Igreja, com coração simples, alma aberta, e em adesão incondicional, como em todos os momentos da

minha vida, ao pensamento da Igreja, manifesta que, no momento de ser levantada a Senhora desta terra para a Eternidade pela vontade do Pai, no abraço do Filho e na roçadura infinita de suavidade silenciosa e imutável do Espírito Santo, não viu, em nenhum momento, separação entre a alma e o corpo da Virgem.

Que, num abrir e fechar dos olhos, no romance mais sublime que uma pura criatura tenha podido viver com relação ao Infinito Ser; transbordada de amor e saturada de Divindade, ficando submergida na suavidade silenciosa, inalterável e pacífica do Eterno, e embalada no esvoaçar do arrulho do Espírito Santo, num trânsito glorioso, foi levantada em corpo e alma pela imutabilidade da infinita Trindade, que descendeu à terra para levá-la ao gozo ditosíssimo do Festim infinito da sua vida imutável.

Pondo-a o mesmo Deus por toda a eternidade no grau de participação da sua Divindade que correspondia à Virgem, a Mãe, a Senhora e a Rainha do universo; que o é também na Eternidade, no cumprimento perfeito da vontade de Deus que a criou, metendo-a no plano trinitário para a redenção do homem, como Co-redentora, e para a restauração de toda a humanidade.

O viver da Virgem com Cristo na sua paixão, foi uma morte mística e incruenta, que a fez ressuscitar também misticamente com Cristo; pas-

sando a viver, como Mãe da Igreja universal, a vida nova que por Cristo a todos nos é dada.

Pelo que creio que não viu a minha alma, em nenhum momento, separação entre o corpo e a alma da Virgem no dia em que o Senhor dignou-se, por um movimento da sua vontade em misericórdia infinita sobre esta pobre e miserável criatura e para que o manifestasse, mostrar-me o momento sublime e indescritível da Assunção da Virgem em corpo e alma ao Céu.

«Eu não vi separação entre a sua alma e o seu corpo naquele dia em que me mostrou a Assunção gloriosa de Nossa Senhora da Encarnação.

Foi tão esplendorosa à minha mirada espiritual aquela Assunção, que a minha pobre palavra sabe-me de profanação diante da finura indizível daquela visão misteriosa da subida gloriosa da Virgem Branca para a Eternidade.

Eu só vi que se realizou um mistério de finura, de delicadeza e ternura indizível entre Deus e a Virgem Branca, quando a Mãe do Verbo Infinito chegou àquele ponto de divinização, no qual Ele a teve tão cheia, tão plena e divinizada, como no seu infinito pensamento sonhou desde toda a eternidade.

Então, quando a Senhora da Encarnação, toda Branca, esteve no centro-centro da vontade di-

vina, repleta de frutos e com a sua missão totalmente cumprida, Deus arrebatou-a para si; porque, um passo mais!, e a Virgem teria ultrapassado, em plenitude de participação da Divindade, os limites que a mesma vontade de Deus, ao criá-la para ser sua Mãe, sobre Ela determinara.

E que capacidade a de Maria em plenitude de Divindade...! Depois da humanidade de Cristo, a capacidade maior que existiu para possuir Deus.

Por muito que queiramos dizer da Virgem, sempre ficaremos curtos; pois não cabe na mente da criatura, enquanto esteja no desterro, mais que vislumbrar algo daquele concerto de perfeições que Deus pôs n'Ela no dia em que a criou: na Virgem da Encarnação, que foi criada para a mesma Encarnação!

Eu não vi separação entre a sua alma e o seu corpo no dia em que a Virgem Branca deixou o desterro para introduzir-se na Eternidade.

Mas sim vi e compreendi, cheia de júbilo e de surpresa indescritível, ficando gravado no meu limitado, pequeno e transcendido entender, o gozo que as divinas Pessoas tinham, ao levar para si aquela criatura que foi, com Cristo, o "sim" de resposta gloriosa diante de Deus em nome de todos os seus filhos.

Que impressão quando, introduzida por Deus naquela finura..., naquela ternura..., naquela in-

timidade..., naquele silêncio..., naquele concerto..., naquele arrulho..., naquele anelo...!; numa palavra, naquele mistério de vida, de amor, de profundidade e de penetração..., surpreendi as três divinas Pessoas que, em conselho infinito e amoroso de Família, determinavam arrebatá-la, num abrir e fechar de olhos, do desterro para a Eternidade, a Virgem Branca, que, um dia também, em colóquios com a mesma Trindade, foi-me descoberta no *Sancta Sanctorum* da Encarnação...!

Era a mesma Senhora, a mesma Virgem, a mesma Rainha, a mesma Mãe...!: A mesma Senhora, que, em intimidade com as três divinas Pessoas, colaborava com o cumprimento dos planos eternos, por ser um "sim" de doação total em cumprimento perfeito e cheio da vontade divina em cada momento da sua vida...!

Era a mesma, mas em distinta situação. No dia da Assunção, Nossa Senhora da Encarnação terminara o seu duro e ofegante caminhar pelo desterro.

E o Pai lançou-se para Ela, para colocá-la, em luz plena de Eternidade, na espaçosa caverna do seu seio;

o Filho disse-lhe "Mãe" com tanta ternura e carinho de Lar, que a fez ser Rainha da eternidade, pelo esplendor magnífico da sua Maternidade divina, cheia e plena em saturação;

e o Espírito Santo, como Esposo enamorado, “com a sua mão direita a susteve e com a esquerda abraçou-a”¹², para que o ímpeto infinito da Família Divina não a estremecesse; senão que, suavemente..., fazendo-a desfalecer de amor, pelo beijo do seu eterno Consorte..., levasse-a para as Bodas eternas.

Eu não vi que se realizou na Senhora mais que um mistério de silêncio, de doçura e de sabedoria, tão sumamente saboreável...!, tão eternamente penetrativo...!, que aquela sabedoria que Ela possuía aumentou n’Ela tanto, tanto!, que ficou para sempre na luz gloriosa da Eternidade.

Com a sua passagem avassaladora, mas em assobio delgado para que a Virgem não experimentasse em si nenhum transtorno, num abrir e fechar de olhos, as três divinas Pessoas, num só abraço de paternidade, de filiação e de Esposo, depositaram-se n’Ela num beijo misterioso, eterno e silencioso de imutabilidade.

E neste beijo de Imutabilidade, repleto de sabedoria, a Virgem Branca encontrou-se, num instante, no dia da Assunção, na luz resplandecente, clara e ditosíssima da glória, arrulhada pela passagem de Deus que se arremessou sobre Ela como miríadas e miríadas de catara-

¹² Ct 2, 6.

tas de Ser que a envolveram nas correntes divinas dos eternos Mananciais; os quais, no concerto do teclar das suas cascatas, deixaram-na tão possuída pelo Infinito, que se lhe abriram para sempre os portões espaçosos e gloriosos da Eternidade.

O que contemplei que se realizou em Nossa Senhora da Assunção, foi um beijo de Deus, tão silencioso..., tanto, tanto, e em tanto mistério...! que, diante do cumprimento completo dos planos divinos sobre Ela, esse beijo de Deus imutabilizou-a tão divinamente, que lhe deu para sempre, para sempre...!, a Luz infinita da Eternidade...

Está dormindo Maria
nos braços do Senhor;
em celestiais concertos,
roubada pelo seu Amador...

Não se realizou nenhuma coisa
o dia da sua Assunção
mais que, num sonho amoroso,
o Céu levou-a...!

Dormiu a Senhora
Branca da Encarnação...!

Quando a Virgem chegara àquele ponto de divinização que a vontade infinita de Deus quis para Ela desde toda a eternidade; quando o seu plano eterno estava totalmente cumprido, e a

Senhora Branca da Encarnação encontrava-se repleta de frutos e cheia em saturação, de tal forma que um passo mais e teria superado, em cumprimento, os planos de Deus sobre a sua alma; naquele instante, nem um minuto mais nem um minuto menos!, a Família Divina arremessou-se em seu ímpeto infinito para levá-la a gozar eternamente da luz da glória na Eternidade.»

[...] Como filha pequena da Igreja, e consciente da minha pobreza e da minha limitação, necessito manifestar que, no sublime momento em que Deus mostrou-me o instante glorioso do trânsito de Nossa Senhora, arrebatada num êxtase de amor no arrulho infinito do beijo amoroso do Espírito Santo, sendo levantada pela paternidade infinita do Pai Eterno, e no chamado de terníssima ternura do Unigênito do Pai, Encarnado, e seu Filho; minha alma, cheia de amor, veneração e respeito adorante, não viu, em nenhum momento, separação entre a sua alma e o seu corpo.

Pois este, subjugado e roubado pelo ímpeto da alma da Senhora, era levantado, como uma pena, diante do lançamento infável das divinas Pessoas para a Rainha do Universo, para levá-la, num êxtase de amor, em Assunção gloriosa pelo abraço trinitário, amoroso e infinito, que, em beijo de imutabilidade, introduziu-a

suave..., terna... e ditosíssimamente... nas mansões magníficas e suntuosas da Eternidade.

Era seu corpo, um corpo isento de pecado, como o dos nossos primeiros Pais no Paraíso terrestre; e, portanto, não necessitava morrer.

Morreu mística, mas dolorosíssimamente, com Cristo no Calvário, para que nada lhe faltasse; oferecendo ao Pai, como vítima, a Hóstia do Cordeiro Imaculado, com o corpo e o sangue redentor que Ela mesma deu-lhe para o sacrifício.

Pelo qual, expressei que a Virgem foi arrebatada para a glória, transida como num sonho de amor; e levantado o seu corpo pelo ímpeto da sua alma, não tendo mais movimento nem tendência que a da sua mesma alma.

E, sem que praticamente o apercebesse, Maria, em todo seu ser, corpo e alma, era movida pelo ímpeto do seu espírito, que não tinha mais tendência que Deus e a sua vontade, para o cumprimento dos seus planos eternos.

15-10-1972

(Fragmento)

«*Assumpta est Maria*» que sobe aos Céus, triunfante e gloriosa, com passo seguro e majestoso...! É branca a sua alma, sem nada que a impeça voar para as mansões do Reino de Deus...!

A Virgem não tinha nenhuma tendência, nem apetência, nem torcedura, nem inclinação que a atraísse para a terra.

Maria viveu como assunta durante todo o seu peregrinar, concluindo a sua assunção no abraço do encontro do Infinito.

A Virgem passou pela vida com a agilidade de um raio, sem pousar-se pelo lodo da terra, sem empoar sequer a sua alma imaculada, sem sentir em si as concupiscências que têm sido conseqüência da ruptura do plano de Deus.»

«A Virgem adora..., o Amor a invade...; e o assobio amoroso do Eterno Sol adentra-a em seu peito em tanto romance, que o Beijo infinito, em passagem de Deus, envolve-a em sua brisa, que é chamada eterna de arrulho amoroso, repleto em seu dom.

Rainha é a Senhora, branca como um sol, toda refulgente em seu resplendor; Virgem toda Virgem em suas claridades, por estar tomada, em predileção, pelo Ser Eterno que a arrebatou.

E sua alma, volvida como o girassol, vive subjugada, em romance eterno, por aquele Concerto do sumo Amador.

Nada há em sua profundidade que não seja Deus.
Toda a sua tendência e a sua inclinação

sente-se roubada em subjugação, tão profundamente, tão divinamente, que está cativada, em adoração, pelos resplendores do rosto de Deus...

Nada há na sua alma que não seja amor: amor do Eterno, cheio em perfeição!

E a Virgem Branca, toda cativada, vive traspassada em arroubamento pelo Dono Eterno do seu coração.

Só uma tendência há na Senhora!, só um atrativo e uma inclinação!: Viver toda envolta, em sublimação, nas claridades do Sol Infinito, no Dia eterno, cheio de esplendor.

Branca é a Senhora, bela como um sol...; tão Virgem que é Mãe, e Mãe de Deus!

Que Virgem mais Virgem...! Mistério de amor...!

É tanta excelência em sua criação, tão inteiramente roubada por Deus, que toda a sua alma é para o Senhor...

Tão para o Eterno, tão para o Amor...!, em tanto mistério é a sua doação!, que faz possível que o Verbo Infinito se encarne em seu seio em seu terno dom, e a chame: Mãe, qual merece Deus.

Mistério terrível de sumo estupor!: Deus que se faz Homem e o Homem que é Deus

no seio grande da Virgem Branca,
que já é a Senhora da Encarnação.

É Mãe do Homem e é Mãe de Deus;
por isso é tão Mãe qual ninguém logrou!,
porque n'Ela abarca, por um plano divino,
Deus em sua vida e em sua doação,
e o homem caído e em restauração,
que pelo mistério atuado em sua entranha,
enxertado em Cristo, já passa a ser Deus.

Romance terrível de predileção,
que sublima o homem qual ninguém sonhou,
porque participa por este mistério,
com o Verbo Eterno, da sua filiação...

Mistério terrível...! Loucura de amor!
Deus que se faz Homem e o Homem que
é Deus...

Branca é a Senhora da Encarnação.
Eu a vi aquele dia como um resplendor
do Sol Infinito, do Eterno Amor:

Era toda Mãe, e me acariciou...
Era toda Rainha, e me protegeu...
Era toda Virgem, me virginizou...
E era tão Senhora, que me subjugou...!

Nunca hei de olvidá-lo por mais que vivesse!
E foi no grande dia da Encarnação...!

Termina-se o tempo da Virgem Mãe,
toda possuída pelo resplendor
do rosto divino que a cativou.

E nas claridades da Luz Eterna,
ouve-se uma voz:
“Terminou-se o tempo
para a Senhora da Encarnação”.

E em assobio delgado, o Beijo de Deus,
todo enamorado, voa pressuroso
a depositar-se, em peso de amor,
na Virgem Branca que é Mãe de Deus...

Branca é a Senhora, e, em adoração,
espera o momento de grandes saudades
que venha o Eterno por sua doação...

Toda está repleta em frutos de amor,
sem que nada falte à criação
daquela Senhora, para que o Eterno,
em beijo amoroso, a leve a seu Seio,
ao festim divino da sua posse...»

15-8-1971

«Pelo que, ao chegar às fronteiras da Eternidade, o seu corpo, unido à sua alma em união perfeita de abraço indescritível, e sem mais inclinação que a desta, totalmente tomada, possuída e saturada por Deus, foi levado por ela à Eternidade aquele dia glorioso para a Senhora do termo da sua peregrinação.

A sua alma atraiu, levantando-o consigo, o corpo, e fez-lhe atravessar o abismo insondável que o pecado abria entre Deus e o homem, sem sentir nem o mais ligeiro impedimento.

Era tão suave a Assunção da Virgem, tão segura, tão como divina, que as conseqüências do pecado que nos proporcionou a morte, não foram experimentadas por Ela nesse momento glorioso.

Não tinha nada que deixar a Senhora toda Branca da Encarnação; não tinha nenhuma coisa que a inclinasse para a terra; não tinha, nem no seu corpo nem na sua alma, mais apetência que uma contínua e amorosa ascensão para a Luz.

A alma de Maria, sempre com as suas asas estendidas, é a expressão perfeita do cumprimento da vontade de Deus sobre os homens; pelo qual, ao terminar o desterro, leva consigo o seu corpo, sem ter que experimentar a carga que este supõe para a totalidade do gênero humano.

O corpo de Maria era e estava, podíamos dizer, tão divinizado em todas as suas tendências, as suas apetências, as suas sensações, as suas inclinações, tanto!, que era todo asas, e asas grandes de águia imperial!, preparadas com a fortaleza de Deus para passar airoso da terra ao Céu.»

E por isso, [...] expressava, como podia no meu pobre balbuciar, aquele sublime momento que me foi manifestado no silêncio sacrossanto de uma oração profundíssima; no qual contemplei o instante de ser levada a Senhora na sua Assunção gloriosa, e levantada para a Eternidade

pelas três divinas Pessoas; realizando-o cada uma no seu modo pessoal, no requebro amoroso e no romance eterno mais sublime que, depois da alma de Cristo, o tenha podido e o poderá viver nenhuma pura criatura.

[...] Via subir..., subir...!, sendo levada por Deus, Nossa Senhora da Assunção ao gozo ditosíssimo dos Bem-aventurados, em companhia do Filho de Deus e seu Filho; a desfrutar para sempre, pelo fruto da redenção do seu mesmo Filho, no banquete ditosíssimo e gloriosíssimo da Eternidade; sendo Mãe universal da Igreja gloriosa, peregrina e purgante, como Rainha e Senhora de todos os Bem-aventurados.

«Que impressionante é contemplar Maria sendo levada para a Eternidade...!

Que maravilhoso vê-la ascender silenciosa e amorosamente numa Assunção de suavidade, de agilidade, de levantamento e de glória...!

Que momento tão inolvidável...! Que misterioso, que secreto e que sublime...!

Ascende Maria...! Ascende entre as claridades do Sol Eterno, sob o amparo e o carinho do Espírito Santo, protegida pelo abraço do Pai, e impulsada e atraída para o Céu pela voz do Verbo...

Como poderá o pensamento do homem, torcido e entenebrecido pelos seus próprios pe-

cados, compreender o mistério de Maria em todos e em cada um dos passos da sua vida...?!

Como poderá a mente, ofuscada pela soberba, descobrir, penetrar e intuir no lago tranqüilo, possuído pela Divindade, da alma de Nossa Senhora toda Branca da Encarnação...?!

Maria foi levada à Eternidade em corpo e alma com a rapidez de um raio, porque toda Ela tinha umas grandes asas de águia imperial que a ascendiam constantemente para as mansões eternas e infinitas do gozo de Deus.

Eu contemplei ascender Maria no impulso do Amor Infinito, no abraço desse mesmo Amor, na suavidade da sua carícia, no ímpeto do seu arrulho, embalada e envolta pela ocultação velada do *Sancta Sanctorum* da infinita Trindade...

Subia Maria aos Céus... subia...! E que Assunção...! Só a adoração, o silêncio, o respeito e o amor, foram o modo simples, transbordante e esmagador, com que minha alma, transbordada, soube responder, na minha pobreza, àquele espetáculo esplendoroso da Assunção aos Céus de Nossa Senhora toda Branca da Encarnação.»

«Está por dormir Maria
nos braços do Amor...,
no ímpeto divino,
em seu fogo abrasador...

Está sentindo-se levada
pelo Infinito Sol
à claridade eterna
do seu mesmo resplendor...

Está toda subjugada,
e tão repleta em seu dom,
que está sendo levantada,
em misteriosa Assunção,
a Virgem enamorada,
pelo rosto do Senhor...

Que todos guardem silêncio...!,
caiam em adoração...!,
que o Pai a está embalando
em seu abraço arrulhador,
para metê-la em seu Seio
em carinho acolhedor...;

que o Filho a chama Mãe,
qual nunca lhe chamou,
em ternura de quem vem
a ser seu Libertador...;

e o Espírito infinito,
que é todo beijo de amor,
envolve a Virgem Mãe
com seu fogo abrasador...

É silêncio e é ternura...,
é arrulho e é ardor...,
é majestade e é concerto...;
é um romance de Deus,
tão infinito e eterno

e em tão silencioso dom!,
que é todo amor infinito,
que é todo subjugação...

Que momento tão sublime...!
Silêncio de adoração...!:
Está sendo levantada
em magnífica Assunção
a Senhora toda Branca
que eu vi na Encarnação...!;
Está levando-a o Céu...!
Está roubando-a Deus!;

Eu quereria detê-la!,
para não perder tão grande dom,
para ir embora com Ela.

Mas é tanto o esplendor
da Assunção de Maria,
em vôo para o Criador,
que minha alma, subjugada
diante do ingente Amador,
caí de joelhos prostrada
em terna veneração.

Ó que silêncio tão fundo
hoje lhe está dando o Amor...!

Está imutabilizando-a,
parando-a em sua ascensão,
por estar naquele ponto
da sua divinização,

com o cumprimento completo
dos planos do Senhor...

Está imutabilizando-a
em toque acariciador,
o arrulho do Deus vivo,
o beijo do seu Amador,
como Consorte divino
em silêncio acolhedor...

Não se atuou nenhuma coisa,
não houve separação
entre a sua alma e o seu corpo
o dia da sua Assunção.

Só foi o Beijo infinito
quem ao Céu a roubou.

E isto foi em tanto silêncio
qual nunca explicarei eu,
pois me faltam as palavras,
na minha amorosa canção,
para expressar, do meu modo,
aquele passo arrulhador
do Eterno, que beijava,
em virginal esplendor,
a Rainha toda Branca,
Virgem da Encarnação...

Está por dormir Maria
nos braços do Amor...

Está sendo levantada
pelo ímpeto de Deus,

em concertos de harmonias,
em luminosa Assunção,
como brisa acolhedora
do verão em seu frescor...

Dormiu a Virgem Mãe,
repleta em sua doação,
em sonho que é toda glória,
num êxtase de amor,
ao sentir sobre sua alma
a passagem do seu Amador...!

Dormiu a Senhora
Branca da Encarnação...!»

15-8-1971

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia